# BZZZ

ANO 8 | Nº 100 | FEVEREIRO/MARÇO 2022

**FASCINANTE**
A detalhada genealogia de Djalma Maranhão

**POTIGUAR**
A posse de Emmanoel Pereira na Presidência do TST

**BRASÍLIA**
Mané? Virgula!

**O QUÊ?**
Houve um tempo em que cocaína era vendida em farmácias de Natal

**JOIA RARA**
Mais um momento Anna Rocha & Appolinario em Lisboa

**GIGANTES**
Ariano Suassuna e Rachel de Queiroz na UFRN

# ALTA COSTURA

PERNAMBUCANA NATURALIZADA PORTUGUESA, CARLA MARQUES ZAZA QUER TRANSFORMAR AS TERRAS LUSITANAS EM REFERÊNCIA NA ROTA DA MODA. COMEÇA COM A ABERTURA DA MAISON MAURICE, O PRIMEIRO HAUTE COUTURE CLUB DE PORTUGAL

VIVA NATAL
Viva o sol o ano inteiro, beijando o mar de Ponta Negra à Redinha.
Viva o clima tropical das belas praias de águas mornas e a experiência de aventuras inesquecíveis em dunas imponentes. Você não precisa viajar para viver as belezas naturais, a história, a cultura e a culinária de Natal.
Aproveite a nossa cidade.
Viva dias incríveis onde o Brasil inteiro passa férias.
Viva tudo isso. Viva Natal.

PREFEITURA DO
NATAL

Bráulio Bessa, poeta e escritor.
alternativa
SAC - 0800 724 7220 / Deficientes Auditivos ou de Fal

Existe o consumismo
e o consumo consciente.

Existe a poluição
e a energia amiga do ambiente.

Existe banco e
existe cooperativa.

Pra tudo na vida,
existe alternativa.

O Sicredi é uma forma coletiva
de buscar prosperidade
pra você, sua empresa e sua
comunidade.

**Sicredi.**
**Onde o dinheiro rende**
**um mundo melhor.**

***Acesse sicredi.com.br***
@sicrediriograndedonorte

Sicredi

# AQUI, LÁ, D'ALÉMAR

A diversidade da BZZZ é o motor que acelera nosso foco pela notícia e pela história onde esteja. Virtualmente e presencialmente. Nesta edição, acompanhamos presencialmente acontecimentos em Natal, na capital brasileira e na capital portuguesa. E, com as penas dos mais renomados acadêmicos, jornalistas e historiadores, contamos as mais instigantes e interessantes histórias.

O jornalista Minervino Wanderley surpreende com sua matéria sobre a venda de cocaína em farmácias de Natal. Que história! De quando começou até - e porque - se tornar ilícita. Com estas páginas impressas, retomamos duas histórias super importantes que devem ser guardadas para pesquisas do Brasil a países europeus. Você sabe por que a Paraíba tem um município com o nome francês de Bayeux? O acadêmico Ivan Lira descortina essa curiosidade e suas peculiaridades. O acadêmico Geraldo Queiroz rememora momentos de dois gigantes nordestinos em Natal: Rachel de Queiroz e Ariano Suassuna.

O jornalista Maurício Pandolphi traz entrevista exclusiva com o professor Eduardo Navarro, da USP, que recentemente traduziu cartas em tupi antigo trocadas entre indígenas da etnia potiguara em 1645. Com ligação direta a Cascais, entrevistei a polivalente Carla Marques Zaza, que vai abrir uma maison que será o primeiro haute couture club de Portugal. E em Lisboa terá mais um acontecimento Anna Rocha & Appolinário, pilotada pela badalada Sophia Kah.

Do Planalto, trago informações sobre a posse do potiguar Emmanoel Pereira na presidência do TST e sobre o novo acontecimento brasiliense: Mercado Mané. Massa demais! O historiador Anderson Tavares de Lyra descreve a interessante genealogia de Djalma Maranhão, de uma pesquisa exclusiva feita minuciosamente por ele. Nelson Mattos fala sobre os "devaneios de uma velejada". E no artigo, o advogado Daniel Censoni vai no cerne da OAB.

Boa leitura!
Eliana Lima
Editora


## EXPEDIENTE

BZZZ

**PUBLICAÇÃO:**

JEL COMUNICAÇÃO

**BZZZ ONLINE**

**ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS**

www.bznoticias.com.br

@revistabzzz

Revista Bzzz

**SUGESTÕES DE PAUTA,**

**CRÍTICAS E ELOGIOS**

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

**EDITORA**

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

**PROJ. E DIAGRAMAÇÃO**

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

**COMERCIAL**

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

**COLABORADORES**

ANDERSON TAVARES DE LYRA

GERALDO QUEIROZ

IVAN LIRA DE CARVALHO

MINERVINO WANDERLEY

NELSON MATTOS FILHO

**CAPA**

CARLA MARQUES

O Governo Federal trabalha para que o Brasil seja sempre **a pátria que combate a corrupção.**

Acesse gov.br/nossobrasil

A Pátria Honesta, Brasil.

**Conheça mais ações:**

PLANO ANTICORRUPÇÃO

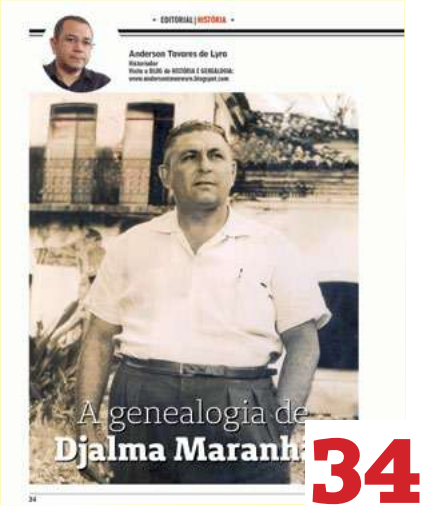
- Aprimoramento das leis de combate à corrupção.
- Governo responsável no uso dos recursos públicos.

COMBATE AO TRÁFICO DE DROGAS

- Números recordes em apreensão de drogas.
- Aumento das fiscalizações em todas as rodovias e do número de policiais atuando por dia.
- Apreensão de mais de R$ 1,1 bilhão em bens das organizações criminosas.

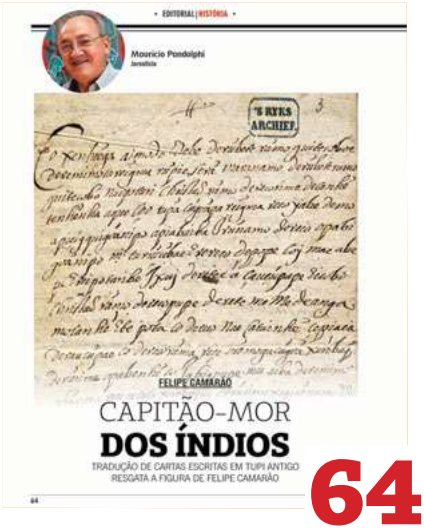
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

# ÍNDICE




34

48




64

60 | Mercado? Vírgula!

14 | BAYEUX, DA NORMANDIA À PARAÍBA

# ATENDIMENTO CORPORATIVO SENAC

## SOLUÇÕES EDUCACIONAIS PARA TRANSFORMAR SUA EMPRESA

Desenvolva sua equipe e atenda as necessidades de um mercado em constante expansão.

## SERVIÇOS

- WORKSHOPS
- PALESTRAS
- CONSULTORIA
- CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO
- ORIENTAÇÕES CORPORATIVAS
- CURSOS DE QUALIFICAÇÃO
- CURSOS IN COMPANY
- CERTIFICAÇÃO

4005.1058

WWW.RN.SENAC.BR

Fecomércio RN · Senac

Sistema Comércio

ELIANA LIMA
elianalima@portaldaabelhinha.com.br

# D'ALÉMAR

Mesmo do lado de cá, estou sempre ligada com o que acontece do outro lado do Atlântico. Exatamente na terra de grande amor: Portugal. E da capital lisboeta faço duas boas anotações.

## UMA

O brasileiro Rafael Nacif, mineiro de BH, está morando nas terras de Camões, escolhida depois de viver experiências no Havaí, Canadá e Suíça. Todo ativista de causas sociais e humanitárias, ele está focado na motivaçao das pessoas através da partilha das suas vivências. Sempre acompanhado pelo seu cão Chico, aposta em abordagens diferentes para os que procuram realização pessoal e profissional. Que buscam a concretização dos seus sonhos.

Pois bem! Tem participação em mais de 30 empresas em Portugal e no estrangeiro, com atuação em vários setores da economia, desde a hotelaria ao imobiliário, da tecnologia à energia, da produção audiovisual à agricultura. Com um extenso currírulo para formação em coaching, por diversos países, partilha as suas experiências de vida e empreendedorismo.

E começou o ano realizando curso de imersão Plano de Liberdade Financeira, com foco em ter "uma vida Financeira acima da média com segurança e Liberdade para construir verdadeiras fortunas e prosperidade em diversas áreas da sua vida".

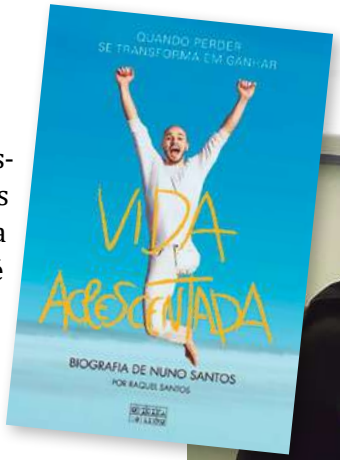
E passo a dica para fazer inscrição: institutovp.pt/mindsetmilionario.

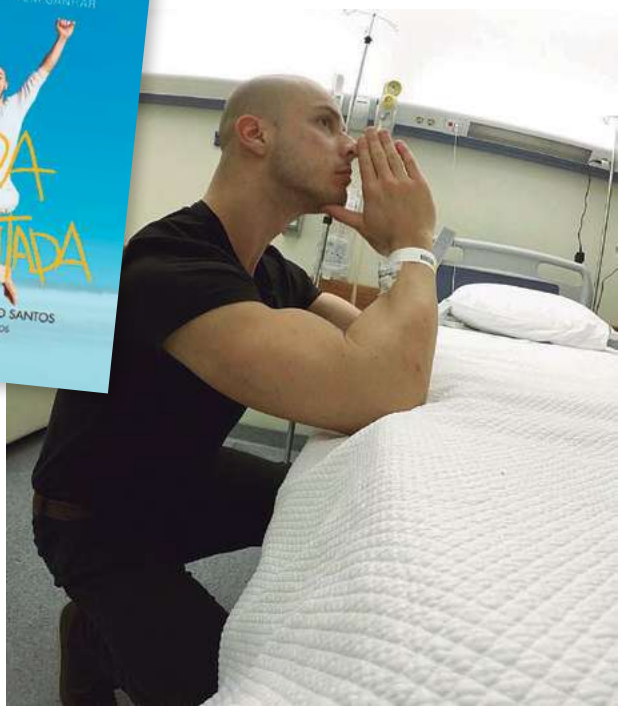
# OUTRA

O que também muito me chama a atenção em terras portuguesas é a plataforma de descoberta sheerME, idealizada por Miguel Alves Ribeiro com a missão de, segundo ele, "facilitar a marcação a quem procura cuidar de si, desta forma levando mais clientes aos nossos parceiros. Botões de marcação directa no Google, Instagram e Facebook são algumas destas parcerias, entre muitas outras, que nos estamos a especializar em trazer à nossa comunidade. Ganhando sempre *cashback* em *Wallet* a cada marcação".

Ou seja, por meio da plataforma é possível encontrar espaços ou profissionais que providenciem  serviço ou tratamento que mais se adeque às necessidades de cada cliente. Após encontrar o serviço é possível fazer marcação online, a qualquer hora do dia, e ainda o pagamento, sem sair do universo sheerME.

# SOU FÃ



Em Portugal tenho um querido amigo, mesmo que nosso contato ainda seja virtual, mas parece que nos conhecemos há anos. Minha admiração por ele só cresce. O nome dele é Nuno Santos, um lindo jovem que luta como um experiente guerreiro da superação. A sua vontade de viver, fazer e acontecer são itens dos muitos no combate a uma cruel doença, que não lhe diminuiu a esperança de viver e ser feliz, mesmo com a mutilação do seu corpo escultural.

Sua fortaleza faz do limão uma saborosa limonada para brindar as conquistas da vida. Sua história está contada no livro que a irmã Raquel escreveu, Vida Acrescentada. Em 2008, aos 16 anos de idade, após boas ondas numa tarde de surfe, ele caiu e sentiu forte dor no quadril. E veio a notícia do terrível diagnóstico: um câncer ósseo com 3% a 5% de possibilidade de sobrevivência.

A partir daí foram vários processos de exames, cirurgias, tratamentos. Não esmoreceu. Além da fé, encontrou força na mãe e na irmã.

E hoje ele é exemplo que dá gosto de ver. E aplaudir. Sem falar na pessoa doce e de bom humor que é. Adoro. Sou fã! Parabéns, Nuno, e obrigada por nos dar essa grande lição de vida e perseverança.

# JÁ CONHECE?

Caso não, agende na sua próxima viagem a Portugal. Ou quem por lá já esta. Em pleno Rio Tejo fica o imponente Castelo de Almourol, de onde se chega de barco. A data da sua construção é desconhecida, mas acredita-se que a pequena ilha onde foi erguido remonta ao século I Antes de Cristo, tempo em que, provavelmente, os romanos conquistaram o lugar. A partir do século VIII a ilha foi ocupada pelos muçulmanos. Depois, tomada por D. Afonso Henriques, foi entregue aos Cavaleiros Templários, que ficaram responsáveis pela reconstrução, cravando características de fortificações templárias. O terramoto de 1755 provocou diversos estragos na sua estrutura. Após, sofreu alterações na arquitetura inicial. No Estado Novo foi residência oficial da República Portuguesa. Hoje é  Monumento Nacional.

**Ivan Lira de Carvalho**
Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia de Letras Jurídicas do RN. Professor da UFRN, Juiz Federal

Estação de passageiros do Aeroporto Internacional Castro Pinto, em Bayeux-PB

**BAYEUX**

# Da Normandia À PARAÍBA

Quem passa pela BR 101, nas proximidades da capital paraibana, tem a sua atenção chamada para placas indicativas de uma cidade com nome pouco usual para o Nordeste brasileiro. Em bom francês, Bayeux! Às primeiras indagações, historiadores de improviso tentam sacar informações empíricas, afirmando ser referencial toponímico que diz respeito à presença dos corsários franceses no território dos tabajaras, ao início da nossa colonização lusa. Ou melhor, do nosso abandono pela coroa portuguesa. Mas não é bem assim que a coisa funciona.

O nome da cidade, é certo, tem inspiração francesa. Mas a razão é puramente bajulatória. Conta-se que Assis Chateaubriand, magnata da imprensa brasileira na primeira metade do século vinte, a título de ficar de boas com os Aliados que delineavam uma retumbante vitória sobre as forças do Eixo na Segunda Guerra, isso em 1944, conseguiu com o interventor Rui Carneiro a mudança do nome de um distrito do Município de Santa Rita, de Barreiros para Bayeux, enaltecendo assim a pri-

meira das cidades da Normandia a ser libertada do jugo do exército de Hitler, em prenúncio do fim do grande conflito mundial. Assim aconteceu. Tanto que foi chantado na Praça Seis de Junho um obelisco em granito bruto, com o dístico "Viva a França", onde está esculpido um medalhão com o nome dos dois países, sendo o jardim uma homenagem à data do desembarque das tropas aliadas na costa normanda, o chamado "Dia D". Também a via principal foi renomeada, de Rua Abdon Milanez para Avenida de Liberdade, saudando a retomada desse sentimento pelo povo da terra gaulesa.

A Bayeux francesa está situada na região noroeste do referido país, próxima a Le Havre (considerada pela UNESCO Patrimônio Mundial da Humanidade), Ruão (famosa pelo seu casario medieval, lugar onde viveu, morreu e foi sepultada a escritora potiguar Nísia Floresta e onde ocorreu o martírio de Joana D'Arc) e Lisieux, a de Santa Terezinha. Tem cerca de treze mil habitantes, é famosa pela tapeçaria e por sediar o maior cemitério de guerra da França, com 4.648 sepulturas, incluindo 3.935 de britânicos e 466 de alemães. Tem também um memorial dedicado aos jornalistas que tombaram cobrindo o sangrento conflito, onde anualmente é realizado um encontro de periodistas que trabalham nessa difícil área da informação. A economia se assenta na produção agropastoril e na indústria alimentícia, tendo destaque também o turismo histórico-cultural.

**Célebre foto de Charles De Gaulle desfilando em triunfo pelas ruas de Bayeux-FR, após a libertação da cidade do domínio nazista**

**Assis Chateaubriand, dono do império das comunicações nominado Diários Associados, autor da ideia de batizar a cidade com o nome francês**

**Ruy Carneiro, Interventor Federal na Paraíba, autor do decreto que oficializou o nome de Bayeux-PB**

Já a congênere paraibana é bem mais povoada: quase cem mil habitantes, funcionando também como apoio de moradia para pessoas que trabalham na capital do Estado, já que a divisão entre os municípios é feita por leitos de vias públicas e pelos Rios Marés, Sanhauá e Paraíba. Chamavam-na, lá para trás, Barreiros (engenho assim nominado) ou Barreiras (por estar na marginal de rios). No populacho, Rua do Baralho, em razão das biroscas de jogatina que funcionavam ao curso do seu caminho maior. Uma curiosidade: como unidade política nunca pertenceu formalmente à capital, mas sempre ao Município de Santa Rita, somente deste sendo desmembrada em 1959. Durante muitos anos a sua economia era precária, assentada basicamente na pesca e na cata de mariscos, além da agricultura discreta. Uma classe operária se esboçou a partir do contingente de trabalhadores da Companhia de Tecidos Paraibana (Fábrica Tibiri), que funcionou em Santa Rita de 1891 a 1970. A formação de mão de obra fabril favoreceu a edificação de um novo parque industrial no coração de Bayeux, no eixo da Avenida Liberdade, estimulada pelos recursos carreados pela SUDENE, dedicado ao beneficiamento de agave, dando tratamento à fibra que vinha de polos sisaleiros como Cuité e Teixeira e exportando o produto através do Porto de Cabedelo para a Inglaterra e os Estados Unidos, principalmente. Nesse contexto, empresas como a CISAL, a SIBRASIL e a FIBRASA respondiam pela quase totalidade dos empregos formais e dos tributos gerados no Município, interferindo, de forma oblíqua, no desenho administrativo e urbanístico do lugar, inclusive com a atração de equipamentos como o Serviço Social da Indústria e a construção de casas populares. Por razões de mercado e especialmente do desprestígio das fibras naturais com a expansão das similares sintéticas, a preço mais baixo, essas indústrias cerraram as suas portas ou minguaram de porte.

A Ponte do Baralho, sobre o Rio Sanhauá, na divisa entre os Municípios de Bayeux e João Pessoa

Unidade fabril do parque industrial sisaleiro de Bayeux, anos sessentas

Mas, como toda cidade geminada a centros mais desenvolvidos, ou integrantes de conurbação,

Bayeux sempre careceu de uma identidade histórica e cultural mais definida, talvez pela flutuação do seu perfil populacional, em muitos casos sem ânimo de fixação, pois famílias que alçam a um patamar econômico ou salarial melhor, preferem mudar para bairros sediados em João Pessoa. Por incrível que pareça, uma das razões dessa migração é o estigma que recai sobre a cidade de ser um lugar de muitos desvios sentimentais e de pouco compromisso monogâmico (v. box nesta matéria). Entretanto, há um núcleo de baienenses (ou bayenenses) que luta pela reversão desse limbo, inclusive com a criação e o funcionamento de um Instituto Histórico e Geográfico de Bayeux, que conta com revista devidamente catalogada na hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Outra instituição que fortalece essa noção de pertencimento é a Alliance Bayeux France Brésil, geminando as duas cidades, que segundo seu dirigente Anthony Voidie, "criada no final do 70º aniversário dos desembarques na Normandia, tem como objetivo desenvolver o intercâmbio entre os habitantes de Bayeux França (e arredores) e Bayeux no Brasil". A propósito desse liame intercontinental, o jornal A União (João Pessoa, 25 de dezembro de 2104, p. 10) publicou interessante artigo de Janete Monteiro Fernandes, reportando viagem que empreendeu à França naquele anos, juntamente com alguns vereadores de Bayeux -PB, a convite da deputada francesa Isabelle Allard, para participar

O segundo discurso de De Gaulle em Bayeux-FR, lançando as bases da nova constituição francesa da reconstrução pós-guerra

Centro histórico de Bayeux-FR e obelisco na Praça 6 de Junho em Bayeux-PB. Cidades gemelares

Monumento ao caranguejo, ressaltando a importância econômica e ambiental dos manguezais de Bayeux-PB

Capelinha do Sanatório Getúlio Vargas, hospital onde eram isolados os doentes do Mal de Hansen

dos setenta anos do "Dia D", com solenidades que contaram com a participação de líderes mundiais do porte de François Hollande, Elizabeth II, Barack Obama, Vladimir Putin e Angela Merkel.

Em seu território Bayeux tem instalações importantes no contexto paraibano, com o 16º Regimento de Infantaria Mecanizado do Exército Brasileiro, o Aeroporto Internacional Castro Pinto e o Condomínio Alphaville (que restaurou e preserva o importante conjunto arquitetônico colonial do Engenho de Marés, com capela, casa grande e outras edificações tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba). Outro equipamento que lá está e que teve relevo no cenário da saúde pública do Estado é o Sanatório Getúlio Vargas, destinado ao controvertido tratamento isolacional da hanseníase, hoje em estado de degradação predial.

O Índice de Desenvolvimento Humano de Bayeux é médio (0,649) e o Produto Interno Bruto Per Capita é R$ 13.922,53.

Logomarca da Alliance Bayeux France Brésil

Vista do Engenho Marés, com conjunto colonial tombado pelo patrimônio histórico

## ENTRE CHIFRES E SUPOSIÇÕES

Não se sabe ao certo de onde e quando surgiu a lamentável fama que recai sobre Bayeux-PB, de ser uma cidade fora dos padrões monogâmicos, pois o nono mandamento da igreja católica ("não cobiçar a mulher do próximo") seria frequentemente desrespeitado. Não há – pelo menos de forma oficialmente levantada – uma estatística que comprove essa realidade. Mas, rumando para o fim do primeiro quartel do século vinte e um, ainda há quem dê cabimento a essas cavilações, quase sempre calcadas em forte coloração de supremacia machista. Veja-se que um deputado estadual colocou o seu mandato para fortalecer essa pecha, atribuindo a sensação de humilhação dos machos locais ao nome do lugar. Assim, o parlamentar teve a ideia de apresentar um projeto de lei extirpando o topônimo Bayeux. Está no site oficial da Assembleia Legislativa da Paraíba que a razão da sua proposta "é a carga pejorativa assumida pelo nome ao longo dos anos, pois, no popular, o município é conhecido como 'a cidade dos cornos'. – Até os motoristas da cidade preferem emplacar os veículos em João Pessoa para que não apareça o

nome de Bayeux – argumentou o deputado".

Para essa situação, que beira o folclore, o historiador Fenando Guedes Júnior, professor das redes pública e privada de ensino em João Pessoa, apresentou a versão de que a fama decorre de uma corruptela mal interpretada. Segundo o professor, que é também turismólogo e tem mestrado em História pela UFRN, na Rua Antônio Ferreira as mulheres trabalhavam na confecção de cangalhas, mangas de garrafa e esteiras para forrar o lombo de animais de carga, artefatos muito usados pelos tropeiros que vinham com mercadorias do interior para vender na capital e em Bayeux faziam "a revisão" dos acessórios das suas tropas. Como o forte da produção era de cangalhas (espécie de sela que sustém os caçuás dos burros carregadores) e as pessoas simples pronunciavam "cangaia", propagou-se que aquela era a "rua da cangaia". Até aí, no campo do analfabetismo, tudo ia bem. Só que os maldosos passaram a associar o referido artefato a outra afirmação sexista, que é de mulheres dominadoras dos seus maridos, que os tratam com cangas... com "cangaias"... Foi um pulo para que se dissesse que "cangaia" é o mesmo que chifre (forma chula de se referir a traição conjugal) e feita ficou a mistura: Bayeux é terra da cangaia... é terra de chifre... é terra de chifrudos... é terra de cornos. Apesar de fantasiosa e de pouca amarração lógica, essa versão, repassada na coluna "Moral da História", do blog "Termômetro da Política", tem servido como uma das justificativas para depreciar a cidade, à luz dos padrões morais conservadores da região.

Há outra hipótese, carregada de empirismo, que se louva em um disfarce sociológico para a matéria: a de que o declínio da Fábrica Tibiri (Companhia de Tecidos Paraibana), ocorrido no final da década dos sessentas, havia imposto um significativo contingente de desempregados ao Município, estimulando que mulheres prestassem favores sexuais em troca de pagamento, para custeio doméstico. Só que a "clientela" era de homens também desempregados, que saqueavam a economia das próprias esposas para pagar pelos seus "desvios sentimentais". Isso formava o que se pode chamar uma "ciranda de traição" (e aqui peço perdão a Alceu Valença e a Geraldo Azevedo, pelo empréstimo do título de uma canção dos dois). Para dar um verniz acadêmico, os boateiros dizem que essa informação advém de uma pesquisa realizada no âmbito do Curso de Serviço Social da UFPB, aplicada ao pontiagudo universo em questão. Se essa pesquisa existiu e foi publicada, está muito bem guardada.

Por fim, resta a galhofa, que frequenta o anedotário nos mais diversos sítios, dos salões de oficinas mecânicas às barbearias e botecos, sendo replicadas em muitos setores e até mesmo alimentada pelo noticiário de que a esposa de um exercente de destacado cargo político-administrativo local optou pela variação de parceria sexual durante a constância do casamento. Aqui não se ingressa na análise do possível cariz misógino ou machista das publicações. Só os fatos crus, trazidos quase no modal do dramaturgo Paulo Pontes (autor de "Gota D'água") que, desde o seu tempo de radialista na Paraíba, produzia programas populares para a Rádio Tabajara com o lema de mostrar "a cara do povo do jeito que ela é".

Para encerrar esse assunto tormentoso e perfurante, vai-se ao terreiro do picaresco com a história posta entre o real e o trágico. Pois bem. Em Bayeux o ônibus urbano era apelidado "cata-corno". Manoel, cego de nascença, mas muito independente, diplomou-se massagista e trabalhava alguns dias da semana em um hospital da já multicitada cidade. Ao fim da jornada, chegou na parada de ônibus e descuidadamente perguntou se fazia tempo que passara o cata-corno. O interlocutor deu-lhe um murro e jogou longe a sua bengala.

Que não se aplique o mesmo castigo ao escritor que aborda temas tão inconvenientes.

Minervino Wanderley

**EM 1925**

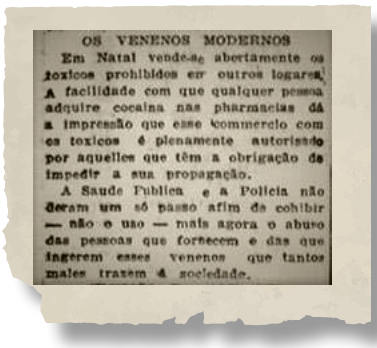
# A cocaína era vendida livremente nas FARMÁCIAS DE NATAL

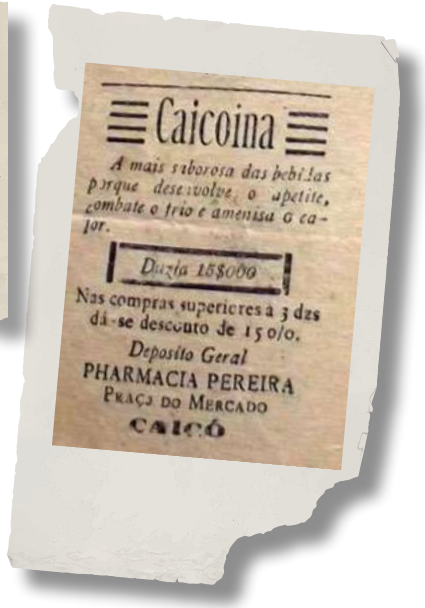
EXISTE UMA FALSA IDEIA QUE NA ÉPOCA DOS NOSSOS AVÓS E BISAVÓS A ÚNICA DROGA QUE EXISTIA ERA O ÁLCOOL, COM PREFERÊNCIA NO BRASIL PARA A CACHAÇA. ISSO É UM ENGANO!'

Quem desejava utilizar cocaína em Natal e em outras cidades brasileiras na metade da década de 1920, nem precisava comprar essa droga em algum lugar sombrio (algo que hoje é conhecido como "boca"), ou negociar com gente perigosa e inescrupulosa (os atuais traficantes). Para "abrir as portas da percepção", como foi dito metaforicamente pelo escritor inglês Aldous Huxley, a situação nessa época era muito mais tranquila.

Bastava ir a alguma farmácia na Rua Dr. Barata, no bairro da Ribeira, ou na Avenida Rio Branco, na Cidade Alta, pois a cocaína era vendida basicamente em estado líquido e em pequenos frascos. E a cocaína nessa condição e nessa época chegou até mesmo ao sertão potiguar, mais precisamente em Caicó, conforme podemos ver nas propagandas abaixo.

BEBAM a CAICOINA
A mais saboroza das bebidas, porque desenvolve o apetite, combate o frio e ameniza o calôr.
Duzia 15$000
Nas compras superiores a 3 duzias dá-se desconto de 15 o/o
DEPOSITO GERAL NA PHARMACIA PEREIRA
PRAÇA DO MERCADO — CAICÓ


OS VENENOS MODERNOS
Em Natal vende-se abertamente os toxicos prohibidos em outros logares. A facilidade com que qualquer pessoa adquire cocaina nas pharmacias dá a impressão que esse commercio com os toxicos é plenamente autorisado por aquelles que têm a obrigação de impedir a sua propagação.
A Saude Publica e a Policia não deram um só passo afim de cohibir — não o uso — mais agora o abuso das pessoas que fornecem e das que ingerem esses venenos que tantos males trazem á sociedade.


Caicoina
A mais saborosa das bebidas porque desenvolve o apetite, combate o frio e ameniza o calor.
Duzia 15$000
Nas compras superiores a 3 dzs dá-se desconto de 15 o/o.
Deposito Geral
PHARMACIA PEREIRA
PRAÇA DO MERCADO
CAICÓ

Não sei como começou esse consumo de maneira mais forte, mas imagino até a cena – Um dia, certamente em outras freguesias (até porque Natal jamais foi moderninha a esse ponto), alguém foi medicado com algum preparado de cocaína. Aí o doente achou legal o efeito daquele remédio e, certamente impaciente antes da próxima colherada, a figura entornou o frasco goela abaixo e ficou muito doido. Pronto, começou a desgraça!

Como notícia do que não presta corre mais rápido que as boas novas, provavelmente toda rapaziada descolada e moderninha da época partiu célere para uma "bad trip" líquida e transparente nas boticas e farmácias pelo mundo afora. E a cocaína passou a ser consumida como alucinógeno desde a segunda metade do século XIX, passando pela "Belle Èpoque" e chegando a louquíssima década de 1920. Alguns de seus consumidores desse período vinham sempre com seus vistosos bigodes, elegantes ternos, camisas de colarinho duro, gravatinhas borboleta, bengalas de madeira nobre, chapéus cocos, ou de palhinha e lenços coloridos nas lapelas.

Não tenho detalhes quando e como a galera de Natal começou a consumir cocaína, mas uma pequena nota jornalística aponta que em Maceió, capital das Alagoas, o desmantelo rolava principalmente nas "pensões"[1]. Aí vale uma explicação – Nos jornais antigos esse termo muitas vezes não designava apenas um local de repouso temporário, como uma pousada, mas era também utilizado para descrever locais conhecidos como prostibulo, meretrício, cabaré e por aí vai!!!

Conforme podemos ver na foto que abre esse texto, a polícia em Natal não reprimia a venda. Mas os homens da lei não podiam realizar seu trabalho porque a cocaína era um produto liberado, utilizado em toda parte, receitada por médicos e farmacêuticos para vários males, além de ser fabricada por respeitadíssimas indústrias farmacêuticas. Até Sigmund Freud usou!

O Decreto Nº 14.969, de 3 de setembro de 1921, assinado pelo Presidente da República Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa não criava maiores restrições para a venda, mas regulamentava a entrada no país das substancias tóxicas, onde as penalidades impostas aos contraventores eram apenas multas e nada de cadeia. Para os consumidores essa Lei criou no Rio de Janeiro o "Sanatorio para toxicômanos – um estabelecimento para ministrar tratamento medico e correccional, pelo trabalho, aos intoxicados pelo alcool ou substancias inebriantes ou entorpecentes".

Mas como esse produto se tornou um grande problema na década de 1920 em Natal e em outras partes do Brasil?

# UMA DROGA ANTIGA

Na atualidade, basicamente conhecemos a cocaína como um estimulante, sendo atualmente considerada uma droga ilegal. É extraída a partir das folhas da planta da coca, vegetal da família Erythroxylaceae, cujo nome científico é Erythroxylum coca. Possui porte arbustivo, pode ficar frondosa e suas flores são amarelo-alvacentas.

Cientistas acreditam que a cerca de 4.000 ou 5.000 anos que a coca vem sendo utilizada como um remédio e estimulante no que hoje é a Colômbia, Peru e Bolívia. a partir do século XVI viajantes europeus descreveram a prática dos povos sul americanos de mascar uma mistura de tabaco e folhas de coca. Esse consumo tradicional da coca pelos povos andinos possui certas características que o distinguem nitidamente do consumo da cocaína. Ao introduzir a folha de coca oralmente, suas propriedades psicoativas são absorvidas lentamente através do sistema digestivo, sem causar efeitos nocivos.

Visitantes ilustres que já estiveram na Bolívia, incluindo o Papa João Paulo II e a princesa Anne da Inglaterra beberam chá de coca (mate de coca), pois é a maneira tradicional na região andina para evitar a doença da altitude (hipóxia). Investigações imparciais e científicas demonstraram que o uso regular da folha de coca não é prejudicial.

No início do século XIX pesquisadores europeus começaram a fazer experiências para descobrir os segredos da planta mágica, mas foi o cientista alemão Albert Niemann, da Universidade de Gottingen, que em 1859 isolou com sucesso o alcaloide da planta de coca responsável por seu efeito estimulante.

# INÍCIO DO USO COMERCIAL

Em 1860, Ângelo Mariani introduziu o Vin Mariani, um vinho tinto com a nova droga na sua composição. Mariani acumulou uma fortuna a partir desta bebida, com a venda sendo divulgada por pessoas notáveis, como a atriz francesa Sarah Bernhardt, a rainha Vitória da Inglaterra, o inventor americano Thomas Edison e até o Papa Leão XIII.

Não demorou para empresas farmacêuticas americanas começassem a explorar a folha de coca e em pouco tempo os Estados Unidos se tornaram o maior importador e principal mercado legal de cocaína no planeta.

Por volta de 1880 a cocaína na terra do Tio Sam era receitada livremente pelos médicos em doenças como a exaustão, depressão e estava disponível em muitos medicamentos patenteados. Como a cocaína era amplamente disponível neste país, não é difícil de entender porque o xarope da primitiva Coca-Cola continha aproximadamente 4,5 mg/180 ml de cocaína até os primeiros anos do século XX.

A História desta famosa bebida tem início indireto em 1879, quando a cocaína foi usada até mesmo para tratar o vício da morfina. Após o fim da Guerra Civil Americana, um veterano chamado John S. Pemberton começou a usar morfina para diminuir a dor dos seus ferimentos e ele rapidamente tornou-se viciado. Ele leu em uma revista médica que a cocaína poderia ajudar a curar o "morfinismo" e passou a produzir seu próprio tônico à base de vinho que continha cocaína. Quando o Estado da Geórgia impôs a proibição do consumo de álcool, ele começou a misturar cocaína com extrato de noz de cola e água de soda. Depois comercializou o produto e este se tornou um sucesso instantâneo. Pemberton vendeu sua fórmula a outro farmacêutico, que fundou a Coca-Cola Company em 1892.

John S. Pemberton

Karl Koller – Fonte – Wikipédia.com

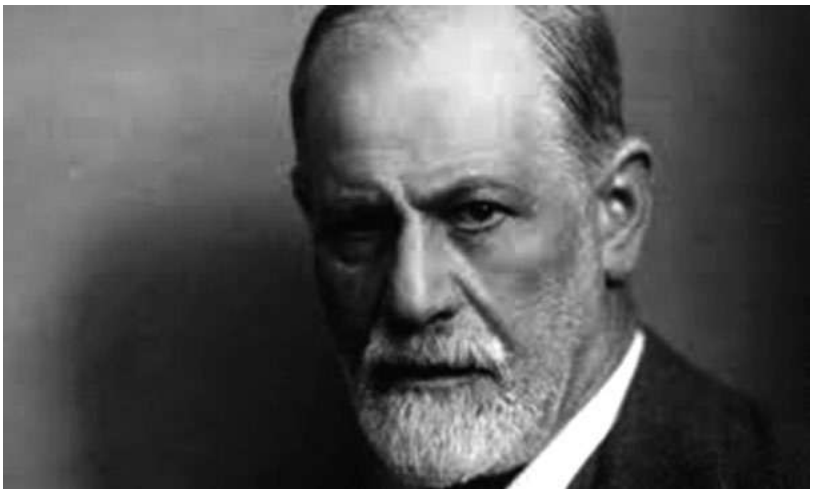
# USO MÉDICO

A cocaína foi introduzida como um anestésico em 1884 pelo Dr. Karl Koller. Este era um estagiário de oftalmologia no Hospital Geral de Viena e em um experimento público, ele aplicou no seu próprio olho uma solução de cocaína e depois, para espanto da plateia, o picou com alfinetes sem problemas.

O Dr. Koller escreveu sobre as propriedades anestésicas da cocaína e pouco tempo depois esse medicamento foi manchete em todo o mundo e os médicos começaram a prescrevê-la em larga escala. A fabricação do medicamento envolvia um processamento onde entrava na composição um determinado número de outras substâncias químicas, formando um pó branco vulgarmente conhecido como cloridrato de cocaína. Como fármaco os efeitos da dosagem podiam variar significativamente. A cocaína foi considerada primeiramente um estimulante seguro e um ótimo tônico para os nervos.

Consta que nessa época Sigmund Freud, o pai da psicanalise, usou cocaína em seus pacientes  e através da auto experimentação escreveu um tratado sobre o tema. Freud era conhecido por levar cocaína para suas idas ao teatro, locais de danças, esportes e passeios. Ele se tornou um viciado contumaz até que finalmente parou de usar cocaína em 1886. Apesar do uso da cocaína, Freud acabou por morrer de uma overdose intencional de morfina em 1939, atormentado pelas dores de um câncer.

Não demorou muito para os usuários e os médicos começassem a perceber que as propriedades da cocaína causavam dependência e logo vários regulamentos limitantes ao uso foram introduzidos. Um dos primeiros, o Food and Drug Act americano (Lei Federal sobre Alimentos e Drogas), de 1906, ainda não instituía a proibição, mas regulamentava a produção e venda, inaugurando a intervenção governamental no tema.



Freud publicou em 1884 o tratado "Über Coca", sobre a droga – Fonte – afkra.blogspot.com

# NO NOSSO BRASIL TROPICAL

Eu não sei quando a cocaína chegou ao Brasil, mas sei que ela já estava no país nos trinta anos finais do século XIX.

Encontramos em antigos jornais da década de 1880, ainda no período do Império, a propaganda de um armazém de secos e molhados da cidade mineira de Juiz de Fora, Minas Gerais, onde na sua parte destinada a bebidas, vemos que ali aparentemente se vendia uma bebida à base de cocaína. Seria uma percursora da famosa Coca-Cola, ou do Vin Mariani?

Além da importação como bebida, a cocaína evidentemente também aportou no Brasil como um medicamento.

Em 1890, na Rua dos Ourives, atual Rua Miguel Couto, no Centro do Rio de Janeiro, que na época era a Capital Federal, havia a "Pharmacia Central do Brazil", que vendia medicamentos manipulados. Conforme a foto que segue, a mistureba de produtos medicamentosos parece mais uma receita de algum caldeirão de bruxa.

Entre os ditos medicamentos encontramos as "Pastilhas de Clorato de Potássio e Cocaína", que serviam para as moléstias bucais e da laringe.

Interessante esta ideia de pastilhas com cocaína e clorato de potássio, pois até onde eu sei esta última substância foi um ingrediente utilizado nas antigas espoletas de armas de fogo, chamado então de clorato de potassa e quando misturado com outros materiais, pode gerar explosivos de forte potência.

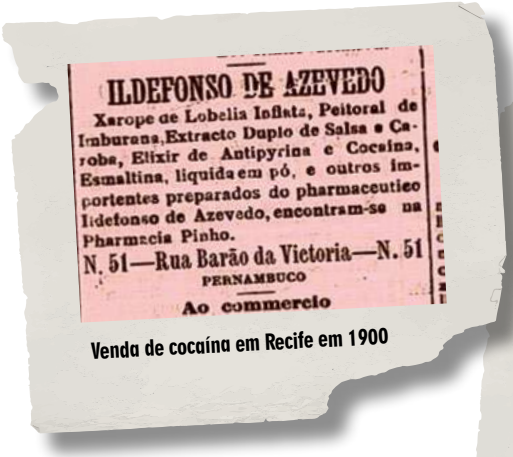
A chegada cocaína ao Brasil não ficou restrita apenas a região centro sul do país. A droga extraída da folha de coca também chegou ao caloroso Nordeste.

Em um jornal pernambucano de 1900 temos na Rua Barão da Vitória, número 51, atual Rua Nova, no tradicional bairro de Santo Antônio, no centro de Recife, a antiga botica do Sr. Idelfonso de Azevedo, que vendia cocaína misturada com salsa, caroba, elixir de antipirina e esmaltina. Podendo o cliente escolher esta mistura liquida ou em pó.

Bem, mesmo sem ser farmacêutico, realizando uma rápida pesquisa, descobri algo interessante sobre este medicamento. O sumo de salsa (em dosagem dupla, como diz o anúncio) é rico em vitaminas B e C e a sua celulose ajuda o movimento intestinal. Já a planta caroba (também conhecido como caroba-do-mato, marupá, simauba-falsa, caraúca, carabussú, caruba, curoba, marupauba e parapará) é o que podemos chamar de um santo remédio, pois suas propriedades medicinais são adstringente, aperiente, cicatrizante, depurativo, diurético, emético, laxante, sudorífera, tônico. As indicações da caroba são para as afecções da pele, artritismo, blenorragia, cancro, catarro crônico da bexiga e uretra, coriza, dispepsia, dor (reumática, muscular), estômago, febre, gases, inflamação (próstata, rins, garganta), picada de insetos, mau hálito, sífilis, úlcera estomacal e até no combate as vermes.

VENDAS A DINHEIRO
DEPOSITO da afamada cerveja de STRASBOURG
De cognac Fine Champagne, Laage Fils & C., de doce de coco, cocaina e licores de coco da Bahia, das aguas mineraes do Lambary. Navalha mechanica.
Recebe generos á consignação, cobrando a commissão da Praça e encarrega se de remette-los para a Côrte
N. 9 RUA HALFELD N. 9
A' REALIDADE

Cocaína vendida como bebida em Juiz de Fora – MG, na década de 1880


ILDEFONSO DE AZEVEDO
Xarope de Lobelia Inflata, Peitoral de Imburana, Extracto Duplo de Salsa e Caroba, Elixir de Antipyrina e Cocaina, Esmaltina, liquida em pó, e outros importentes preparados do pharmaceutico Ildefonso de Azevedo, encontram-se na Pharmacia Pinho.
N. 51—Rua Barão da Victoria—N. 51
PERNAMBUCO
Ao commercio

Venda de cocaína em Recife em 1900

PHARMACIA CENTRAL DO BRASIL
DE
V. WERNECK & COMP.
RUA DOS OURIVES, 73 CAPITAL FEDERAL
Este antigo e conhecido estabelecimento, hoje completamente refundido e dispondo de laboratorios importantissimos, acha-se em condições inexcediveis de bem servir aos srs. consumidores.
Os seguintes preparados da casa, que são os principaes e de maior procura, acham-se hoje á venda em grandes quantidades e encontram-se em todas as pharmacias do interior:
Licor de peptonato de ferro—efficaz e assimilavel preparação, applicavel á anemia e em todas as indicações dos ferruginosos.
Vinho tonico reconstituinte de quina calisaya, lacto-phosphato de cal e carne—alimento reparador, utilissimo em casos de enfraquecimento do estomago e pulmões, na chlorose, diarrheas, etc.
Pastilhas de chlorato de potassio e cocaina—que preenchem a contento todas as indicações desses agentes therapeuticos, nas molestias da bocca, larynge, etc.
Vinho de phospho-chlorureto de calcio e cre-

Pastilhas de cocaína vendidas no Rio em 1890

Bem, junto a misturada de salsa e caroba vinha o elixir de Antipirina, que é uma substância medicamentosa usada como antitérmico e um sedativo utilizado para identificar o efeito de outras drogas. No meio desta mistura o Sr. Idelfonso de Azevedo acrescentava esmaltina, que é um mineral de cor cinza claro, uma combinação de cobalto e arsênico, utilizado na fabricação de esmaltes azuis. No final de tudo isso vinha a cocaína.

As duas próximas propagandas são respectivamente de 1900 e 1901. Originalmente publicadas em jornais baianos, estão bem explicativas na composição e servem para se conhecer o uso medicinal da cocaína no Brasil. O interessante nestas duas propagandas é que estes remédios à base de cocaína vinham da França.

Rua Barão de Vitória, Recife – Fonte – http://peregrinacultural.wordpress.com/

# ARRANCAR DENTE COM COCAÍNA ERA NORMAL

O leitor pode perceber que a cocaína chegou ao grande país tropical e simplesmente não havia restrições a sua importação, manipulação e venda. Era tudo liberado. Daí para começar o consumo no sentido alucinógeno foi um passo. Correto? Aparentemente não!

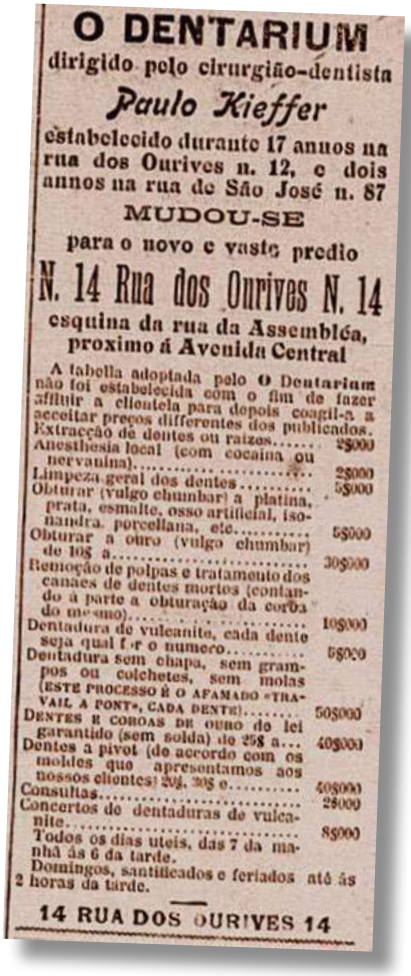
No início do século XX vemos as notícias antigas se referindo basicamente a cocaína como um produto ligado a área médica. Praticamente não se encontra uma utilização ilícita do seu uso. Se havia era algo privado, talvez restrito a determinados ambientes (cabarés, prostíbulos, lupanares, etc.), sem aparentemente afetar o dia a dia da sociedade, sem atrapalhar a vida das comunidades, principalmente nas maiores áreas urbanizadas do país.

Gabinete de uma odontóloga no final do séc. XIX, em Paris – Fonte – http://www.sciencephoto.com.

Logo um outro tipo de profissional brasileiro passou a utilizar a cocaína; os dentistas. Voltando um pouco no tempo, sabemos que em 1884 a cocaína foi inicialmente utilizada em cirurgias oftalmológicas pelo Dr. Karl Koller Consta que neste mesmo ano um médico chamado R. J. Hall solicitou ao seu dentista que utilizasse cocaína como um anestésico para tratá-lo e aparentemente funcionou.

Na virada do século, por volta de 1903, a cocaína foi misturada com epinefrina, de modo a melhorar a sua eficácia clínica e ser utilizada para amortecer as gengivas. Mas devido a várias mortes ligadas à combinação de cocaína e epinefrina, este foi descartado por volta de 1924. No entanto, a cocaína continuou a ser utilizada e considerada uma droga útil para anestesia tópica na região do ouvidos, nariz e garganta.

Na imagem que apresentamos acima temos uma propaganda do dentista Paulo (ou Paul) Kieffer, que coincidentemente atendia na mesma área onde estava estabelecida a Pharmacia Central do Brazil, na Rua dos Ourives, atual Rua Miguel Couto, no Centro do Rio de Janeiro. O Dr. Kieffer aplicava anestesia local com cocaína, ou "nevarnina" (talvez um subproduto), ao preço de 2$000 réis.



O DENTARIUM
dirigido pelo cirurgião-dentista
Paulo Kieffer
estabelecido durante 17 annos na rua dos Ourives n. 12, e dois annos na rua de São José n. 87
MUDOU-SE
para o novo e vasto predio
N. 14 Rua dos Ourives N. 14
esquina da rua da Assembléa, proximo á Avenida Central

A tabella adoptada pelo O Dentarium não foi estabelecida com o fim de fazer afluir a clientela para depois coagil-a a acceitar preços differentes dos publicados.

| | |
|---|---|
| Extracção de dentes ou raizes | 2$000 |
| Anesthesia local (com cocaina ou nervanina) | 2$000 |
| Limpeza geral dos dentes | 5$000 |
| Obturar (vulgo chumbar) a platina, prata, esmalte, osso artificial, isonandra, porcellana, etc. | 5$000 |
| Obturar a ouro (vulgo chumbar) de 10$ a | 30$000 |
| Remoção de polpas e tratamento dos canaes de dentes mortos (contando a parte a obturação da corôa do mesmo) | 10$000 |
| Dentadura de vulcanite, cada dente seja qual for o numero | 5$000 |
| Dentadura sem chapa, sem grampos ou colchetes, sem molas (ESTE PROCESSO É O AFAMADO «TRAVAIL A FONT», CADA DENTE) | 50$000 |
| DENTES E COROAS DE OURO de lei garantido (sem solda) de 25$ a | 40$000 |
| Dentes a pivot (de accordo com os moldes que apresentamos aos nossos clientes) 20$, 30$ e | 40$000 |
| Consultas | 2$000 |
| Concertos de dentaduras de vulcanite | 8$000 |

Todos os dias uteis, das 7 da manhã ás 6 da tarde.
Domingos, santificados e feriados até ás 2 horas da tarde.

14 RUA DOS OURIVES 14

Interessante lista de preços de atendimento odontológico no início do séc. XX, A cocaína era anestésico.

# MORRER COM COCAÍNA ERA MODA...

Mas observando os jornais antigos das décadas de 1900 e 1910, é claramente perceptível que nesse período começou a existir o consumo de cocaína, tanto para aqueles que desejavam criar seus próprios "paraísos artificiais", mas principalmente para se matar!

Nos periódicos brasileiros do limiar do século XX, o que não faltam são inúmeras notícias de homens e mulheres, que utilizavam a cocaína pura, ou misturada com todo tipo de material, para simplesmente darem fim as suas vidas. E a imprensa da época era de uma sutileza de fazer dó e piedade. Nas páginas antigas lemos que estes desesperados eram os "decaídos", os "desgraçados", os "transloucados" (isso quando eram pobres), que buscavam no suicídio o fim a uma vida sem perspectivas. Este tipo de notícia era um "ótimo" incentivo para quem estava em depressão.

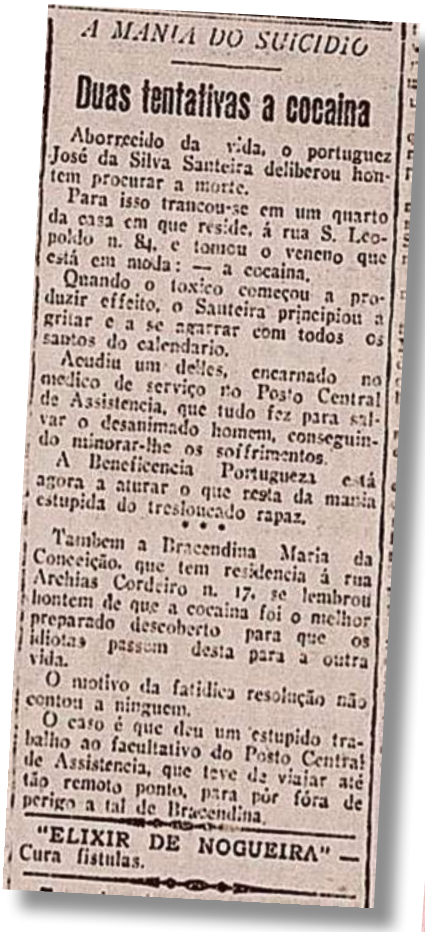
Nos jornais das décadas de 1900 e 1910 percebemos que a quantidade de suicídios chegou a um ponto tal, que virou uma espécie de "moda" se matar com cocaína.

As mulheres eram o grupo majoritário que recorriam a cocaína para dar cabo de suas vidas. Não podemos esquecer o quanto era terrível a situação das mulheres nesta época. Criadas para serem exemplares donas de casa, servir aos maridos, trabalharem pesado pelos filhos e pela casa, em uma sociedade onde trabalhar fora, ou ser separada, era uma distância mínima para serem consideradas vulgares, ou algo pior. A perda da virgindade sem que houvesse a consumação do casamento, ou um filho indesejado, era um verdadeiro suplício, principalmente para as mulheres mais pobres. Para muitas o suicídio era a solução dos seus problemas.

Em relação à maneira de morrer com cocaína, chama atenção o fato dos jornais comentarem que os suicidas faleciam ingerindo quantidades que poucas vezes ultrapassam cinco gramas da droga. Não tenho base de conhecimento para saber se na atualidade esta quantidade de cocaína é capaz de matar uma pessoa, mas no passado era normal misturar a cocaína com outros produtos, até mesmo benzina, um líquido obtido na destilação fracionada do petróleo e utilizado, entre outras aplicações, como solvente.

Pelo que pude compreender não havia a figura clássica do traficante. O comércio era exercido pelos funcionários das farmácias, ou por algum um farmacêutico, certamente com a anuência e o beneplácito do proprietário.

Tudo leva a crer que de um pseudo modismo para se alcançar a morte, restrito aos ambientes privados, logo o consumo de cocaína no Rio de Janeiro passou a ser algo que passou a chamar atenção do dia a dia da sociedade carioca.



A MANIA DO SUICIDIO

**Duas tentativas a cocaina**

Aborrecido da vida, o portuguez José da Silva Santeira deliberou hontem procurar a morte.

Para isso trancou-se em um quarto da casa em que reside, á rua S. Leopoldo n. 84, e tomou o veneno que está em moda: — a cocaina.

Quando o toxico começou a produzir effeito, o Santeira principiou a gritar e a se agarrar com todos os santos do calendario.

Acudiu um delles, encarnado no medico de serviço no Posto Central de Assistencia, que tudo fez para salvar o desanimado homem, conseguindo minorar-lhe os soffrimentos.

A Beneficencia Portugueza está agora a aturar o que resta da mania estupida do tresloucado rapaz.

* * *

Tambem a Bracendina Maria da Conceição, que tem residencia á rua Archias Cordeiro n. 17, se lembrou hontem de que a cocaina foi o melhor preparado descoberto para que os idiotas passem desta para a outra vida.

O motivo da fatidica resolução não contou a ninguem.

O caso é que deu um estupido trabalho ao facultativo do Posto Central de Assistencia, que teve de viajar até tão remoto ponto, para pôr fóra de perigo a tal de Bracendina.

"ELIXIR DE NOGUEIRA" — Cura fistulas.

**Coisas do amor**

**Ingeriu cocaina**

A menor Adelina Estoriato, de 16 annos de idade, moradora á travessa Bemtevi n. 15, na Villa Ruy Barbosa, hoje, pela manhã, por motivo de amores mal correspondidos, tentou suicidar-se, ingerindo pequena quantidade de cocaina.

Chamada a Assistencia Municipal, foi ella soccorrida, ficando em tratamento na sua propria residencia.

A policia do 2º districto teve conhecimento do facto.

# VENDA E CONSUMO DA COCAÍNA NO RJ

Em 4 de janeiro de 1913, jornalistas do periódico carioca A Noite, em um interessante trabalho investigativo, apresentaram os processos do consumo de cocaína na primeira metade da década de 1910 na cidade do Rio de Janeiro. Foram noticiados que vários jornalistas compraram em meia hora 37 gramas de cocaína sem maiores problemas, sem nenhum estabelecimento farmacêutico exigir uma receita médica.

Consta na reportagem o preço dos frascos variou de 1$000 a 2$500 réis (um mil a dois mil e quinhentos réis). Para efeitos de comparação, no mesmo exemplar de A Noite encontramos o anúncio da Cervejaria Tolle, instalada na Rua Riachuelo, 92, onde cada garrafa da cerveja neozelandesa "Bismarck Brown" custava $300 réis (trezentos réis).

Ou seja, pelo preço médio de um frasco com uma grama de cocaína, podia se comprar de três garrafas de cerveja importadas da Nova Zelândia. Talvez isso explique porque era tão fácil morrer com cocaína.

Para os jornalistas, só "uns 20 %" do pessoal das farmácias trabalhavam corretamente. O resto vendia cocaína aos cariocas sem problemas. As notícias apontaram que junto aos profissionais dos estabelecimentos farmacêuticos trabalhavam os "rápidos", ou seja, as figuras que entregavam rapidamente a cocaína, daí o nome!

A cocaina, o veneno da moda, é vendida sem a menor cerimonia

Em meia hora a reportagem da "A Noite" compra, em diversos bairros, 37 grammas de cocaina!

Tributa e sete frascos de cocaina obtidos em meia hora!

Típica farmácia, ou drogaria, nos Estados Unidos em 1905. No Brasil elas não eram muito diferentes – Fonte – Wikipédia.org

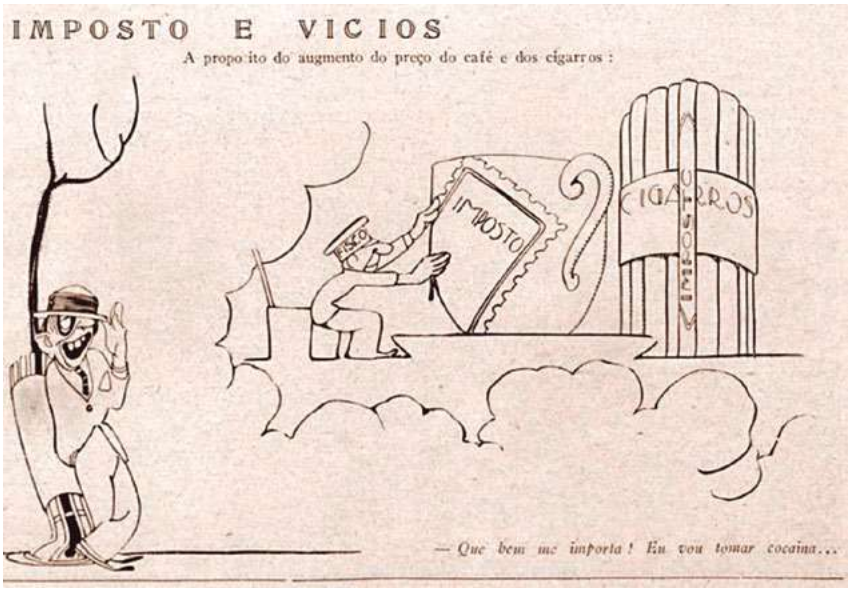
PODEMOS OBTER VENENO?

O abuso da venda da "cocaina"

UMA NOVA REPORTAGEM DA "A NOITE"

A reportagem escancarou geral. Deu nome das farmácias que venderam as drogas e quem não vendeu. Foram publicados os endereços dos estabelecimentos, as quantidades vendidas em cada local e, num verdadeiro escândalo, até uma criança na Rua do Estácio comprou cocaína sem nenhum problema a pedido dos jornalistas. Um atendente afirmou que vendia de setenta a cem gramas da droga por dia.

As matérias de "A Noite" foram bem denunciativas, mas parece que não obteve maiores resultados.



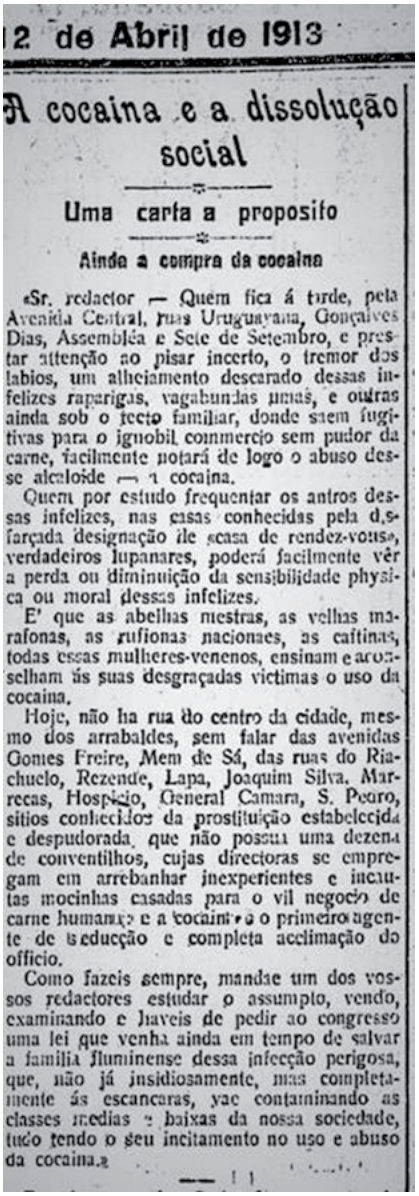

# AMPLIAÇÃO E DECLÍNIO DO USO DA COCAÍNA

Nesta história toda descobri que a repressão não era tanto pelo lado policial, mas praticada pelo pessoal da Saúde Pública. Eram os funcionários desta repartição que fiscalizavam os estabelecimentos farmacêuticos e a atuação dos funcionários destes locais.

A polícia participava quando havia denúncias de venda e consequente morte de alguém, mas era difícil provar a participação deste pessoal nesse tráfico. Quem comprava cocaína para se matar e por um erro na aplicação sobrevivesse, tinha pouco interesse em denunciar seus fornecedores diante da vergonha do seu ato. Normalmente estes suicidas, conforme já foi dito aqui, eram das classes mais humildes da sociedade carioca e ninguém os escutava. Se morressem eram enterrados e ficava por isso mesmo!

Provavelmente como um resultado paralelo da investigação jornalística de A Noite contra o consumo de cocaína, foram publicadas algumas cartas denunciando o uso de cocaína em locais públicos. No dia 12 de abril de 1913 esse jornal trouxe na sua segunda página o relato enviado por um leitor, que apontava a condição degradante das mulheres viciadas em cocaína, que se prostituíam pela droga nas praças do centro do Rio de Janeiro, como elas eram aliciadas e como se encontravam em franca decadência física e moral. Concluía o leitor pedindo aos jornalistas que realizassem um trabalho investigativo.

O relato desta denúncia é bastante similar ao que ocorre atualmente com as jovens que se prostituem para consumir cocaína e o seu nefasto "filhote", o crack.


12 de Abril de 1913

A cocaina e a dissolução social

Uma carta a proposito

Ainda a compra da cocaina

«Sr. redactor — Quem fica á tarde, pela Avenida Central, ruas Uruguayana, Gonçalves Dias, Assembléa e Sete de Setembro, e prestar attenção ao pisar incerto, o tremor dos labios, um alheiamento descarado dessas infelizes raparigas, vagabundas umas, e outras ainda sob o tecto familiar, donde saem fugitivas para o ignobil commercio sem pudor da carne, facilmente notará de logo o abuso desse alcaloide — a cocaina.

Quem por estudo frequentar os antros dessas infelizes, nas casas conhecidas pela disfarçada designação de casa de rendez-vous, verdadeiros lupanares, poderá facilmente vêr a perda ou diminuição da sensibilidade physica ou moral dessas infelizes.

E' que as abelhas mestras, as velhas marafonas, as rufionas nacionaes, as caftinas, todas essas mulheres-venenos, ensinam e aconselham ás suas desgraçadas victimas o uso da cocaina.

Hoje, não ha rua do centro da cidade, mesmo dos arrabaldes, sem falar das avenidas Gomes Freire, Mem de Sá, das ruas do Riachuelo, Rezende, Lapa, Joaquim Silva, Marrecas, Hospicio, General Camara, S. Pedro, sitios conhecidos da prostituição estabelecida e despudorada, que não possua uma dezena de conventilhos, cujas directoras se empregam em arrebanhar inexperientes e incautas mocinhas casadas para o vil negocio de carne humana, e a cocaina é o primeiro agente de seducção e completa acclimação do officio.

Como fazeis sempre, mandae um dos vossos redactores estudar o assumpto, vendo, examinando e haveis de pedir ao congresso uma lei que venha ainda em tempo de salvar a familia fluminense dessa infecção perigosa, que, não já insidiosamente, mas completamente ás escancaras, vae contaminando as classes medias e baixas da nossa sociedade, tudo tendo o seu incitamento no uso e abuso da cocaina.»

Uma carta denúncia de 1913, incomodamente atual.

Percebemos através da leitura dos jornais antigos que entre as décadas de 1910 e 1920 passou a existir uma maior preocupação, um maior debate, até mesmo uma maior repressão a compra e venda de cocaína no Brasil.

No início da década de 1920 o consumo de cocaína começou a diminuir no Brasil. Mas não foi por campanhas governamentais, ou pelo endurecimento da repressão e combate ao consumo da droga. A farra diminuiu porque simplesmente o produto foi escasseando no mercado externo.

Para os pesquisadores do tema os fatores deste declínio estavam no surgimento de leis restritivas e punitivas que baniram a cocaína e a heroína do mercado livre em vários países, principalmente nos Estados Unidos. Maior controle da importação e exportação desta droga, perseguição aos médicos que prescreviam tais substâncias indiscriminadamente, além do surgimento na Europa de medidas socioeducativas e de saúde pública, visando à prevenção e ao tratamento desses pacientes. O próprio advento da depressão econômica, com a quebra da Bolsa de Nova York em 1929, deixou o mundo com menos dinheiro para gastos supérfluos. E por fim, o surgimento das anfetaminas em 1932, como um novo e potente estimulante de longa duração, ajudou em certo ostracismo da cocaína.

Mas aparentemente estas situações não significaram o fim total da vinda e do consumo da cocaína no Brasil antes da Segunda Guerra Mundial. Tanto assim que o popular cantor Francisco Alves intitulou a sua música para o carnaval de 1937 como "Cocaína".

"COCAINA"

Entre as composições que serão lançadas para o proximo Carnaval, uma desde já, está fadada ao mais absoluto successo. E' a marcha "Cocaina", creação e autoria de Francisco Alves dedicada ao seu amigo Torres Carneiro

19 — XI — 1936

# NÃO BAIXEM A GUARDA, ESTA EPIDEMIA ESTÁ AÍ E NÃO VAI ACABAR TÃO CEDO E NEM EXISTE VACINA

Sabemos que foi na convenção internacional realizada pela Organização das Nações Unidas em 1961, que estabeleceram regras que pautariam as políticas sobre drogas em vários países entre o final do século XX e os dias atuais. O critério principal foi proibir drogas que não tinha uso médico e essas substâncias passaram a ter um maior controle e repressão. Na sequência os Estados Unidos assumiram a dianteira da cruzada antidrogas, fortalecendo o combate ao tráfico, com operações internacionais de alcance cada vez maior e impondo aos demais países na Europa e nas Américas Latina e do Sul convenções que dariam origem à chamada "guerra às drogas", que foi declarada pelo presidente americano Richard Nixon em 1972.

Nesse meio tempo a cocaína voltou à cena como estimulante em um mercado de trabalho cada vez mais frenético. A economia do tráfico, então, assumiu um novo circuito. Tradicionais regiões de plantação de coca na Bolívia e Peru aumentaram sua produção para o mercado ilícito; a pasta produzida era repassada a principalmente a vendedores colombianos, que era encaminhada aos centros consumidores nos Estados Unidos e Europa. Países

como o Brasil serviam apenas de entreposto logístico da droga e eram centros de consumo de menor importância. Mas com o crescimento econômico do país, deixou de ser apenas um corredor para o tráfico internacional de drogas, mas como um grande mercado consumidor.

Os jovens com poucas oportunidades de educação e trabalho dignos foram atraídos pelo poder e dinheiro dos traficantes de cocaína, crack e armas. Muitos foram (e ainda são) assassinados em guerras de gangues que se seguiram e que conhecemos bem dos jornais.

Amigos e amigas queiram vocês ou não, as drogas como a cocaína, crack, heroína, anfetaminas, maconha, lança perfume, álcool e outras desgraças estão nas ruas, nas portas das escolas, nas casas de espetáculo, na porta da sua casa, nos locais de trabalho e por aí vai. Não conheço outra maneira de livrar nossos filhos deste problema do que sendo seus maiores amigos, confidentes, tendo tempo para estar ao lado deles.

E não custa nada conhecer o que são estas drogas através de leituras e de outras formas de informação, assim é possível debater melhor sobre os malefícios que estes produtos geram.

Não baixem a guarda, esta epidemia está nas ruas tanto quanto o COVID-19. Mas para o COVID já existem vacinas e para as drogas não e seu consumo não vai acabar tão cedo!

Combate a fabricação de cocaína na Colômbia

**Nelson Mattos Filho**
Velejador - avoante1@hotmail.com

Foto Flávio Rezende

DIÁRIO DO AVOANTE

# Devaneios de **uma velejada**

O farol pisca na noite escura e o barco segue navegando como uma frágil casquinha de ovo no tapete de mar que se estende ao longe. Um rastro de fosforescência transmite uma visão mágica de vidas imperceptíveis aos olhos humanos. O farol pisca novamente e uma nova claridade começa a delinear o horizonte, com raios tímidos de uma lua que emerge das profundezas do oceano.

Nunca estamos sozinhos no mar. Toda luz que brilha ao longe é a certeza que uma vida nos espreita em nosso manso navegar. Brilho de vida, brilho de energia, brilho de um farol que teima em mostrar que a terra está ali. Brilho de um barquinho pescador que dorme a espera do peixe.

É gostoso estar num barco que navega a muitas milhas da costa, recebendo apenas acenos de faróis e vendo ao longe as luzes de uma cidade que parece adormecida.

Fico pensando no que se passa na sombra daquelas luzes de mercúrio que delineiam cidades, que parecem adormecidas e embebidas de uma aparente paz.

Como seria bom se as cidades tivessem a paz e a tranquilidade vista do mar. Adoro ver as cidades quando estou no mar. Não consigo enxergar suas mazelas sociais, apenas vejo beleza no balanço suave de suas árvores e na beleza de suas arquiteturas e montanhas.

Cidades que na maioria das vezes estão sendo viradas pelo avesso, diante da miséria e podridão de poderes ocultos, que desafiam a ordem e denigrem a sociedade. Do mar a visão é outra. Do mar tudo transpira paz, saúde, amor e felicidade.

Mais um lampejo do farol e mais uma marcação de rumo naquela estrada de água, ondas e espumas, sobre o brilho esverdeado de plânctons que se iluminam para festejar nossa passagem.

A Lua que brotou molhada das profundezas do oceano, agora faz o seu navegar prateado e suave num céu negro de estrelas brilhantes. Estrelas que, assim como os faróis, se transformam em fiéis marcações de nossos rumos. Ao meu lado, Lucia comenta que não consegue mais ver São Jorge montado no cavalo naquela lua que mais parece um farol no céu negro. No meu íntimo fico pensando: Se ela que tem a felicidade de ter esses momentos de paz e harmonia com a natureza não consegue, o que dirá das pessoas que vivem os tormentos e desencantos urbanos? Por que será que o mundo está tão cético? O que será das crianças que ainda não viram à lua e as estrelas, mas já conhecem o fogo vivo das drogas?

Inebriado pela Lua de São Jorge, vejo um satélite cruzar o céu em sua rota de vigilância. O que procura aquele satélite em seu vôo de silêncio? Será que ele esta a serviço da paz ou engajado em alguma guerra malcriada? Que mundo é esse, que até um silencioso satélite cruzando o céu gera desconfiança a um errante velejador? Um olhar mais apurado e agora são centenas de satélites riscando o céu, num balé de retas cruzadas. - Por que não consigo observar o céu quando estou nas ruas das cidades? - Será que as cidades não têm céu? Mas, o satélite consegue ver as cidades lá do alto.

Acho que o mundo precisa navegar mais! O mundo foi mais mundo no tempo das grandes navegações. Hoje o mundo é apenas um mundinho na tela de um computador ou num visor de um GPS. Acabou a beleza das grandes descobertas, ficou apenas a certeza do encontro óbvio. Restaram para serem descobertos, os mistérios das estrelas e o fundo dos oceanos, e por eles o homem ainda navega. Novamente olho o céu, escolho uma estrela e sigo em seu rumo.

- O que posso dizer daquele farol que insiste em emitir seus fachos de luz? - Será que ainda existe o vigilante faroleiro a me observar ao longe? O barco segue o seu rumo é minha mente vagueia entre ondas, estrelas, céu, lua, plânctons e sonhos. - Será que ainda faz sentido o farol e seu faroleiro num mundo cercado de satélites, computadores e GPS? - Acho que sim! Aquele farol representa o acerto de todas as minhas marcações náuticas. Conheço suas cores, sei os segundos de seus lampejos e sei sua localização. Por mais modernidade que tenha o mundo, no mar as coisas ainda são primitivas.

Como é bom o mar!

**Anderson Tavares de Lyra**
Historiador
Visite o BLOG de HISTÓRIA E GENEALOGIA:
www.andersontavaresrn.blogspot.com

# A genealogia de Djalma Maranhão

A pesquisa genealógica é algo fascinante e ao mesmo tempo um trabalho solitário. Procurar reconstituir gerações, ligar nomes, buscar origens e determinar ascendentes e descendentes tornam-se extremamente difíceis quando dados são omitidos até mesmo por registros oficiais. O pesquisador tem que ter a sensibilidade e o tempo suficiente para buscar todas as alternativas para o desfecho do objeto pesquisado, o que pode levar anos.

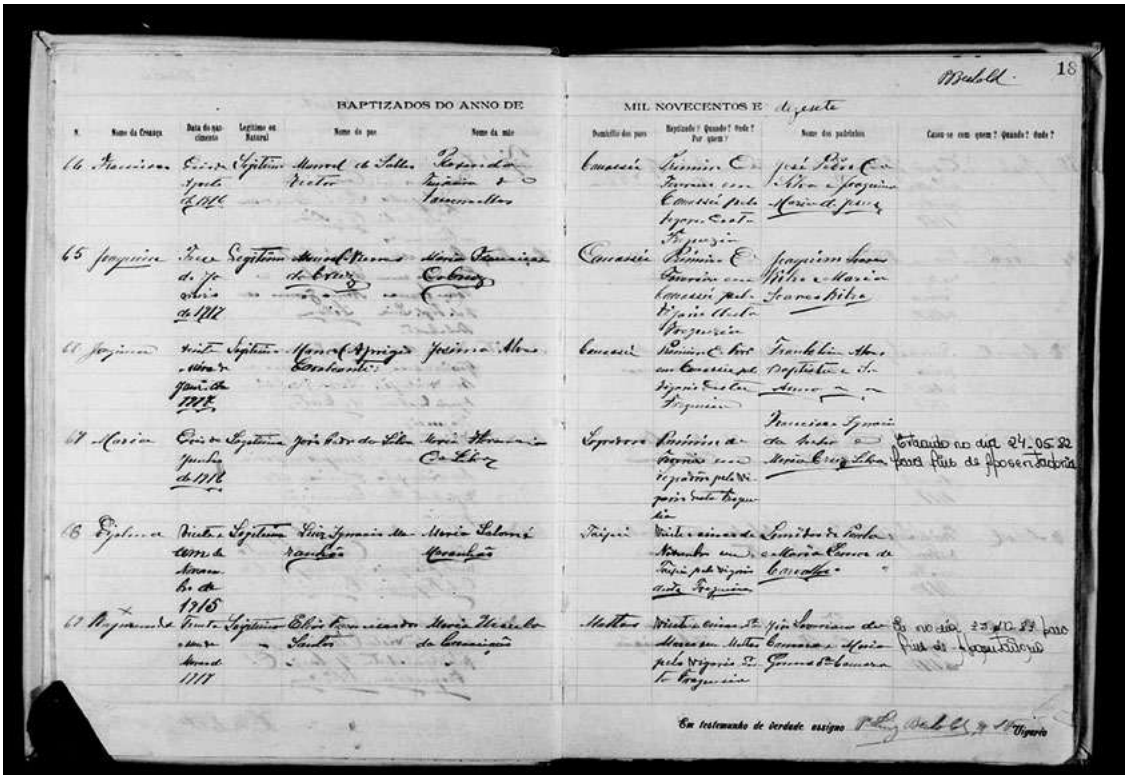
Nesse sentindo, desde o ano de 2012 que me debruço nos arquivos paroquiais das cidades de São José de Mipibú, Arez e Nísia Floresta coligindo dados que atestem a ligação genealógica do prefeito Djalma Maranhão com a figura lendária de Jerônimo de Albuquerque Maranhão, fundador da cidade do Natal, conquistador do Maranhão e fundador da Casa Hereditária de Cunhaú, no Rio Grande do Norte.

A tradição oral e mesmo o sobrenome Maranhão afirmavam essa ascendência, contudo, até hoje, não se tinha a ligação definitiva de Djalma com Jerônimo, nem sabia-se a qual ramo dos Albuquerque Maranhão estava ligado a família de Djalma.

Ao iniciarmos a pesquisa nos arquivos paroquiais mencionados, chegamos ao casamento dos pais de Djalma Maranhão, realizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Ceará-Mirim, aos 08 de janeiro de 1909. O documento aponta os nomes dos noivos: Luís Inácio de Albuquerque Maranhão e Maria Salomé de Carvalho Hugo.

O noivo era filho do casal Joaquim Felismino de Albuquerque Maranhão, natural de Papary, atual cidade de Nísia Floresta, e casado com Cândida Filomila de Sales na Matriz de Santana e São Joaquim de São José de Mipibú, aos 19 de abril de 1875. A noiva filha de Joaquim Hugo de Moura Carvalho e de sua segunda esposa Rosina Mousinho.

Seguindo a linha genealógica da família Albuquerque Maranhão, objeto deste estudo, temos que Joaquim Felismino de Albuquerque Maranhão era filho de Inácio de Albuquerque Ma-


18

BAPTIZADOS DO ANNO DE MIL NOVECENTOS E

ranhão, conhecido por Inácio de Belém, numa referência a um de seus engenhos em São José de Mipibú/RN. Oficialmente, Inácio de Belém foi casado com sua prima Firmina Leopoldina de Albuquerque Maranhão e deste casamento houve uma única filha, chamada Firmina de Albuquerque Maranhão, que por sua vez casou com o primo Dr. Antônio Felipe de Albuquerque Maranhão.

Acontece que o coronel Inácio de Belém teve outros dois filhos, que foram Luís Roque e Joaquim Felismino de Albuquerque Maranhão, justamente o avô paterno de Djalma Maranhão. Os dois eram filhos de Joaquina Felismina dos Prazeres. Esses dados o historiador não os encontra em documento tido como oficial, a exemplo dos arquivados nas paróquias. A comprovação veio através de um antigo livro: A Casa de Cunhaú, escrito em 1956, por João de Albuquerque Maranhão, e que acrescenta que Inácio de Belém legitimou os dois filhos e legou-lhes os engenhos São Roque, Ribeiro e Mipibú no vale do Capió.

Estabelecido esse elo, determinamos com segurança a ascendência paterna de Djalma Maranhão até Jerônimo de Albuquerque Maranhão. Djalma de Carvalho Maranhão é um cunhauzeiro legítimo, ou seja, descendente da Casa Hereditária de Cunhaú. Vejamos, Inácio de Belém era filho de João de Albuquerque Maranhão do engenho Miriri, com Antônia Josefa de Albuquerque Maranhão, irmã de Andrezinho de Cunhaú, mártir e herói da revolução de 1817 no Rio Grande do Norte.

Djalma Maranhão trouxe no sangue o passado heróico e a luta pela liberdade que marcaram as gerações iniciais da família. Em sua época, as armas foram diferentes. Foi jornalista combatente e político ligado ao povo mais simples, aos quais procurou educar através de uma campanha que marcou época e foi buscar neles a inspiração primeira da sua administração que até hoje, decorridos mais de 50 anos, permanece viva na memória da sua cidade.

**Árvore genealógica resumida de Djalma de Carvalho Maranhão**

**Jerônimo de Albuquerque Maranhão *Olinda/PE 1548 +Engenho Cunhaú (RN) 1624, casado com D. Catarina Pinheiro Feijó, são os pais de**

**Matias de Albuquerque Maranhão *Olinda/PE 1580 +Cunhaú (RN) 09-06-1685 casado com Isabel da Câmara, pais de;**

**Afonso de Albuquerque Maranhão casado com Isabel de Barros Pacheco, pais de;**

**Gaspar de Albuquerque Maranhão, Senhor Hereditário da Casa de Cunhaú, casado com Luzia Vieira de Sá, pais de;**

**Antônia Josefa de Albuquerque Maranhão casada com João de A. Maranhão de Miriri/PB são os pais de:**

**Inácio de Albuquerque Maranhão que com Joaquina Felismina dos Prazeres, são os pais de:**

**Joaquim Felismino de Albuquerque Maranhão casado com Cândida Filomila de Sales são os pais de:**

**Luís Inácio de A. Maranhão casado com Maria Salomé de Carvalho Hugo, pais de:**

**Djalma de Carvalho Maranhão**
**Luís Inácio de A. Maranhão Filho**
**Natércia Maranhão**
**Clóvis Maranhão**
**Cândida Maranhão Otero**

CALÍGULA®
Pizzaria e Ristorante
Foto de Ferrando Chiribogo
Sabores e arte
UNIÃO PERFEITA EM PIPA E NATAL
Natal
Aliança Mall -
Rua Jundiaí, 438, Tirol
(84) 99612-0447
@caligulanatal
Praia de Pipa
Tibau do Sul/RN • Brasil
Av. Baia dos Golfinhos
(84) 99174-4919
@caligulapraiadapipa

# ESTILO **EXCLUSIVO**

OUSADA, CRIATIVA E CHEIA DE BOM GOSTO, A PERNAMBUCANA CARLA MARQUES ZAZA, NATURALIZADA PORTUGUESA, RESPIRA MODA E PENSA A MULHER PERFEITA NUMA MISTURA DE TALENTOS. COM IDEIAS A BORBULHAR EM SUA MENTE INVENTIVA, ELA PRESENTEIA CASCAIS COM A MAISON MAURICE, QUE PRETENDE TRANSFORMAR NO PRIMEIRO HAUTE COUTURE CLUB DE PORTUGAL

**Por Eliana Lima – De Lisboa**
**Fotógrafo: Alex Costa**

***Haute Couture?*** Sim, esse belo nome francês descrito no nosso português também ecoa harmonioso aos ouvidos: Alta Costura. Na França, sua relevância é tal que se celebra em forma de arte, inclusive protegida por lei. Isso mesmo. Não é qualquer um que pode chamar sua coleção de *Haute Couture*. A lei protege a exclusividade e o prestígio que acompanham esse estilo designado pelo Ministério da Indústria da França.

Pois bem, um adendo para explicar um pouco dessa história: em 1868, Charles Frederick Worth, conhecido então como o 'pai da alta-costura', criou a *Chambre Syndicale de La Confection et de La Couture pour Dames et Fillettes* [Câmara Sindical de Confecção e Costura para Senhoras e Meninas], para evitar cópias dos estilos exclusivos. Nome que tempos depois mudou para *Fédération de la Haute Couture et de la Mode* [Federação da Alta Costura e da Moda], e é quem estabelece o que e quem é.

Para iniciar a história de Carla Marques Zaza, que vai presentear Portugal, especificamente na badalada Cascais, com a Maison Maurice, que será o o primeiro *haute couture club* das terras lusitanas, vamos aos seus tempos de criança e adolescência, vividos no meio da moda, pois sua mãe, Maria de Lourdes Zaza, estudou na Europa e suas amigas de colégio eram da família Missoni, fundadora da italiana casa de moda de alto nível. "A minha avó adorava costura e a minha mãe, embora fosse formada em Economia e trabalhasse na área, sempre tivemos num canto da nossa casa um atelier", lembra Carla.

Quem sabe esse seu talento para a mistura que transforma suas ideias em belas peças de moda venha do composto familiar. Nascida no seio de uma família de tradição judaico-cristã, filha de pai português de Gaia, mãe brasileira, neta de avô alemão e avó grega, suas origens são uma grande mistura. "Cresci onde viviam a maioria dos judeus, o bairro da Boa Vista, mas por influência do meu pai frequentei um colégio cristão. Fui aluna no Colégio das Dorotéias e lá no desfile de miss do colégio usei o primeiro vestido desenhado por mim e costurado por minha avó Madalena. Ganhando o concurso, ganhei também notoriedade como estilista no meu círculo de amigas, passei a desenhar tudo: farda dos desfiles, roupas para as nossas fantasias de Carnaval, as meninas amavam as minhas criações e as minhas roupas circulavam em todas as festas", conta.

# CONTRAPONTO

A família conservadora, entretanto, não estimulou a moda como profissão. Filha de um médico cardiologista e uma economista, estudou o curso de Direito e, mais tarde, Psicologia. Até que o casamento aportou muito cedo em sua vida, e da união nasceram quatro filhos. E veio o segundo casamento, que gerou um filho. Após o divórcio, Carla Marques resolveu, então, dar uma guinada, abrir as gavetas, selecionar o que somasse às suas ideias e ideais...e foi então que a Maison Mourice nasceu. "Decidi que era agora ou nunca!", exclama.

Decidida, assegurou-se de que "apostar em um sonho não é um luxo, é uma necessidade pessoal e eu resolvi apostar no meu. Com os miúdos [como se chamam crianças em Portugal] crescidos, achei que era um bom momento. Apesar da pandemia, eu não senti medo algum. Acho que a dinâmica da vida é acreditar. Muitos me perguntam o porquê de Maurice, se eu me inspirei nos hotéis de Paris etc". Continuou, aos risos: "Poucos sabem que o meu primeiro nome é Mauríceia, em homenagem ao Conde Maurício de Nassau, que autorizou que fosse construído no Recife, antiga Nova Holanda, a primeira sinagoga das Américas, mesmo antes da que fora construída em Nova York. Por isso seria uma forma de também homenagear as minhas origens, a minha história e a minha família. E assim nasce na vila de Cascais a primeira Maison Maurice da Europa".

E em lugar privilegiado, diga-se: abrange todo o primeiro andar do belo prédio de número 16 da Rua Visconde da Luz, no Centro de Cascais. E promete.

# FORMAS E LUXO

Carla explica que a "ideia é ter um atelier onde as peças são desenhadas e feitas quase artesanalmente, e só então os protótipos são enviados às fábricas". E seus planos para um futuro breve vão muito além. Além do Atlântico. Especificamente no Brasil, para onde quer fincar a bandeira com sua marca que já nasce causando.

Planos também para chegar ao centro das atenções do luxo: Emirados Árabes. "Acho que as mulheres são a grande força da natureza e para nós não existem fronteiras, a moda e a maternidade nos unem, independente de idade ou religião", observa.

Para Carla Marques Zaza, uma mulher bem vestida é àquela que busca elegância, e isso pode ser encontrado até em uma camisa branca com jeans. "O importante é a postura, a confiança que se projeta, é estar bem com aquilo que somos. Importante desmistificar o mito da mulher perfeita. A mulher perfeita é uma mistura de talento, uma mulher divertida, por exemplo, está em voga", considera.

Velejar é uma de suas paixões em Cascais

# OLHA ELA!

Não, não vejam Carla Marques Zaza apenas como uma mulher de negócios do mundo da moda. Ela sabe aproveitar os momentos que a vida lhe oferece do acordar à hora de dormir.

Passear pelos mares de Cascais é um deles. Apreciar sua gastronomia, idem. E não tem, digamos assim, frescura na escolha de um restaurante. Diz, cheia do seu sotaque com toque ainda pernambucano misturado à influência da sonoridade lusitana: "Sou suspeita! Gosto de tudo, mas, confesso: sou meio acomodada e felizmente aqui em Cascais tudo é ótimo. Na Marina, por exemplo, vou muitas vezes. Lá temos desde italianos, bom peixe, mariscos…tudo, e em ambiente de uma luz única. Adoro Cascais e aqui tenho grande parte do meu coração", desmancha-se.

Elegância e estilo

# PROJEÇÕES

Com o projeto no foco da alta costura tomando forma para abrir neste abril de 2022, muitos perguntam a Carla se o resultado da Maison será satisfatório, se ela tem um *business plan* [plano de negócios]..., no que ela é taxativa: "Não penso muito no dinheiro, acho que será uma consequência. Já vejo mulheres usando as minhas criações, espalhadas pelo mundo, isso já é uma grande satisfação pessoal. Se amanhã for monetária, será fabuloso. Para já estou criando e curtindo o meu momento".

E essa nova mulher que nasce em Carla, define: "*A Maison Maurice* será o primeiro haute couture club de Portugal. Não é só uma marca. É um espaço multicultural onde estaremos abertos para mostrar o passo a passo da alta costura, desde a criação dos modelos, a escolha dos materiais, a confecção sob medida. Teremos visitas de grupos, palestrantes da área têxteis e outros momentos interessantes".

Ecoa, do seu bom humor expansivo: "Acho que vai rolar! (rsrsrs). Continua: "Vai ser fantástico para Portugal, vai dar visibilidade para os estilistas nacionais lá fora. Eu quero que Portugal seja uma referência na rota da moda".

**O prédio onde será a Maison Maurice**

SOMBRA
e água fresca
hotel resort spa

# O paraíso é aqui!

www.**sombraeaguafresca**.com.br
@sombraeagua | +55 (84) 3246 2376 | 3246 2258
reservas@sombraeaguafresca.com.br
Rua Praia do Amor, 1000 | Praia da Pipa - Tibau do Sul/RN - Brasil

# Potiguar na presidência do TST

**Por Eliana Lima – De Brasília**
**Fotos: Bárbara Cabral**

MINISTRO DO TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO (TST) DESDE DEZEMBRO DE 2002, INDICADO PARA A VAGA DESTINADA À ADVOCACIA, O POTIGUAR EMMANOEL PEREIRA CHEGOU À PRESIDÊNCIA DA CORTE TRABALHISTA, EM PRESTIGIADA SESSÃO SOLENE DE POSSE, DE FORMA HÍBRIDA, NO PLENÁRIO MINISTRO ARNALDO SÜSSEKIND, EM BRASÍLIA, E POR VIDEOCONFERÊNCIA.

Que discurso! Muito bem elaborado e discorrido em tom de emoção pelo ministro. Contundente na defesa da Justiça do Trabalho. Chamou-me atenção uma verdade descrita por ele que muitos esquecem: a efemeridade do poder. Já vimos tantas histórias. E quantas mais passarão.

O novo presidente do TST frisou bem suas raízes e elevou as conquistas de norte-rio-grandenses. Presentes à mesa, o presidente da República em exercício, Hamilton Mourão; o presidente do STF; Luiz Fux; o presidente do TSE, Roberto Barroso; o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL); o presidente do Superior Tribunal Militar, Luis Carlos Gomes Mattos; o governador do DF, Ibaneis Rocha, o procurador-geral do Trabalho, potiguar José de Lima Ramos, e o presidente do Conselho Federal da OAB, Beto Simonetti.

## Pois bem

No seu discurso, Emmanoel Pereira defendeu o fortalecimento das atribuições da Justiça do Trabalho para atender a mais setores e os direitos trabalhistas das minorias, "as quais permanecem em condições desvantajosas".

Afirmou que atuará para estabelecer pontes e diálogos em torno da formação de consensos. Dos principais pontos do discurso do ministro, anotei esses:

## Justiça social

Entende que o cumprimento da justiça social, à luz do trabalhismo, exige exercícios de autocrítica e participação no contexto dialógico com todos os setores da sociedade.

Falou em maturidade e humildade, para "não confundir poder com autoritarismo, consciência social com regalias de classe, tolerância com covardia, serenidade com indiferença em face das aflições dos jurisdicionados".

Aos "céticos que insistem em questionar a magnitude da Justiça do Trabalho", disse que desde seu ingresso no TST tem acompanhado a incansável batalha para o fortalecimento do seu desempenho em prol das relações de trabalho.

Avaliou que, apesar das demonstrações de vitalidade e de presença no cenário público brasileiro, a Justiça do Trabalho vem sofrendo de uma progressiva perda de competência resultante de interpretações restritivas do artigo 114 da Constituição Federal, contrariando as expectativas suscitadas pela Reforma do Judiciário de 2004, que ampliou sua atuação para abranger outras formas de vínculo além da reação de emprego clássica.

Mas é um "otimista" e acredita que seu papel na presidência do TST e do CSJT é estabelecer pontes e diálogos, "para que essa Justiça mereça a deferência das atribuições que lhe foram reservadas, tanto pelo constituinte de 1988, quanto pelo poder reformador de 2004".

## Inclusão e minorias

Disse que o fortalecimento das atribuições da Justiça do Trabalho se reverterá no atendimento a mais setores do mundo do trabalho que necessitem da sua tutela jurisdicional.

Citou como exemplo o combate ao trabalho escravo e ao trabalho infantil e a defesa do trabalho seguro, além da defesa dos direitos trabalhistas das minorias.

Ministro Luís Roberto Barroso (STF)

## Chamou atenção:

- Embora a palavra inclusão tenha se propalado nas discussões cotidianas, na prática não se corporificou em realidade para as vastas minorias sociais que abrigamos na nossa sociedade. Resta-nos transpor a retórica e abraçar uma Justiça inclusiva e aberta à diversidade, de forma a ajustar a competência da Justiça do Trabalho às transformações sociais e culturais, aproximando o Judiciário do verdadeiro e do justo.

Presidente do Superior Tribunal Militar, Luís Carlos Gomes Mattos

## Ótica

O olhar inclusivo diz respeito, entre outros aspectos, à defesa do trabalho decente para os jovens. “Como somos um país majoritariamente de jovens, destaco a importância do trabalho digno, arejado pelo empreendedorismo e pela inovação, percebido como esperança e despertar do senso de pertencimento à sociedade para essa parcela da população”.

Os presidentes: Emmanoel Pereira (TST) e Luiz Fux (STF)

## Soluções criativas

Outra prioridade que citou foi conciliar a efetividade e a celeridade da Justiça do Trabalho com a necessidade de economicidade no uso de recursos públicos. "Pretendo colher soluções criativas para a redução da morosidade e dos custos crescentes da estrutura, seja nas dimensões judiciária, administrativa ou legislativa que compõem o conjunto de nossas atribuições".

Para o ministro, olhar a Justiça do Trabalho apenas sob o viés do seu custo e de sua arrecadação é ignorar os motivos de sua criação. "É ignorar sua especialidade das relações do trabalho, vínculos que demandam não apenas uma legislação específica, mas uma Justiça afeta a tais princípios".

Continuou:

- Essa é uma Justiça comprometida com o amplo acesso do jurisdicionado, uma Justiça associada ao crescente alcance social dos processos conciliatórios.

A ministra Maria Cristina Peduzzi passa o comando do TST para Emmanoel Pereira

## Homenagens

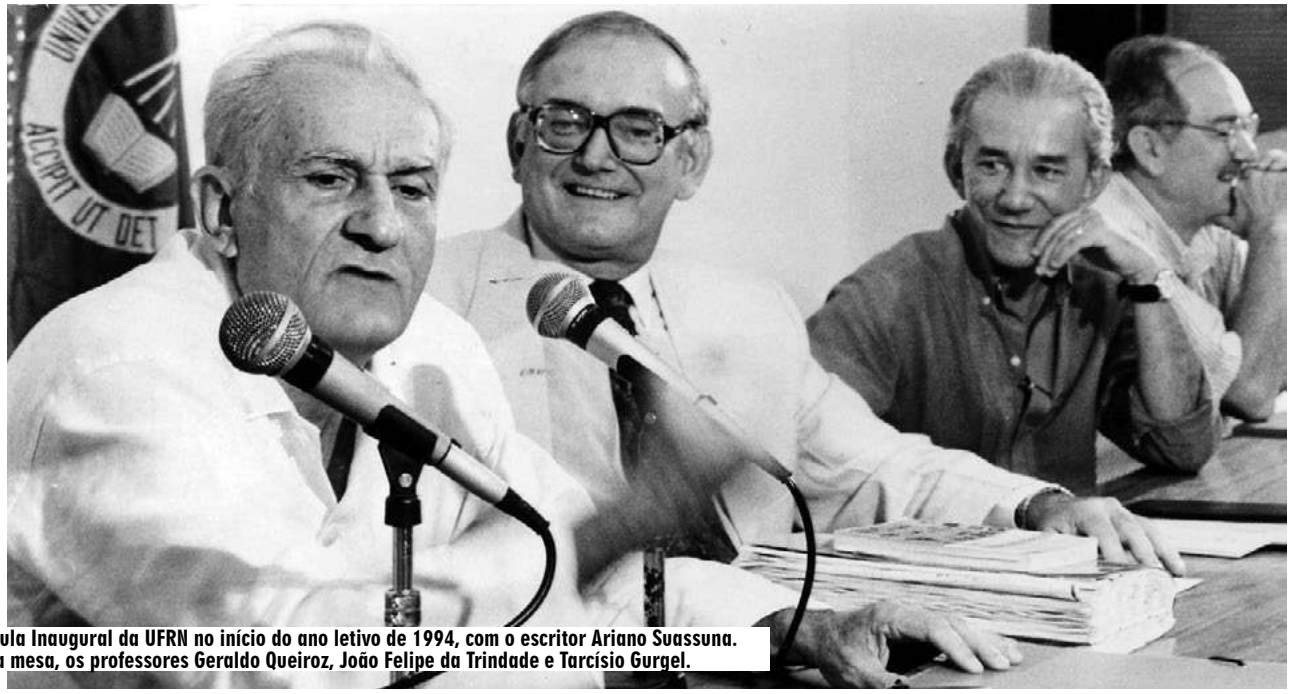
Ressaltou o importante papel da imprensa, por meio dos jornalistas presentes à solenidade, "olhos e ouvidos da nossa sociedade". Discorreu que as referências pessoais e institucionais que consolidaram a Justiça do Trabalho e seus segmentos de política judiciária, como as associações de magistrados e de servidores, a Procuradoria do Trabalho, a OAB e a liderança moderadora dos ministros do TST.

Como exemplo, remeteu à gestão da ministra Maria Cristina Peduzzi e dos ministros Vieira de Mello Filho e Aloysio Corrêa da Veiga, e lembrou que, num momento pandêmico e de inédito isolamento social, eles conduziram o TST com altos índices de produtividade e garantiram o caráter ininterrupto da atividade judiciária, sem deixar de lado o respeito à saúde e à vida dos juízes, dos servidores e operadores da Justiça e de toda a coletividade.

## Formação de consensos

Sobre a criação de pontes e diálogos, considera que eles só são possíveis através da formação de consensos, "zona nem sempre explícita, em que realismo e moralismo eventualmente se confundem, interesses e valores se mesclam".

Defendeu o "livre mercado de ideias" concebido pelo filósofo e economista John Stuart Mill. "Pontes e diálogos igualmente presumem conflitos, debates, formação de acordos, a preservação de um quadro de referências e manutenção das regras do jogo democrático - previamente debatidas e consentidas por todos".




Aula Inaugural da UFRN no início do ano letivo de 1994, com o escritor Ariano Suassuna. Na mesa, os professores Geraldo Queiroz, João Felipe da Trindade e Tarcísio Gurgel.

# RACHEL E ARIANO: SEMPRE LEMBRADOS

**Por Geraldo Queiroz - Jornalista. Membro da Academia Norte-rio-grandende de Letras (ANRL)**

Dedicatória afetuosa de Rachel de Queiroz registrada no livro O Quinze, de sua autoria.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte recebeu em setembro de 1993 a escritora Rachel de Queiroz. Escolhida como sede do V Seminário Nacional sobre MULHER & LITERATURA, participaram do encontro mais de 400 professores, vindos de todo o Brasil e até do exterior. A escritora cearense veio para a abertura oficial do Seminário e sua sessão inaugural. Ao comentar o que foi transmitido aos presentes na sua apresentação, a professora Constância Lima Duarte, Coordenadora do evento, considerou-o "importante depoimento acerca de seu trabalho literário desde o início de sua carreira, estabelecendo as relações entre esta e o contexto histórico e social brasileiro" (transcrito dos Anais do Seminário, em publicação feita pela Editora Universitária-1995).

Em março do ano seguinte, chega para proferir a Aula Inaugural do ano letivo na UFRN (em auditório superlotado) outro admirável escritor, também nordestino: o paraibano Ariano Suassuna. Um ano antes a instituição havia retomado as aulas magnas, trazendo para proferi-la a então ministra Luiza Erundina, da Administração.

Revendo jornais antigos, encontro na Tribuna do Norte de 15.03.1994 (Coluna Jornal de WM) o seguinte: "a UFRN abriu o ano com a vinda de Ariano Suassuna, que pelo seu valor como intelectual e que pela exposição que fez tornou-se um dos mais importantes atos culturais deste ano". Já Veríssimo de Melo, então Presidente do Conselho de Cultura do RN, em artigo publicano na mesma Tribuna e reproduzido em 07.04.1994 em um jornal de São Paulo (com indicação anotada de Jornal da Manhã), após discorrer sobre vários aspectos da aula proferida pelo escritor paraibano, disse: "em tudo por tudo, a aula de Ariano Suassuna foi momento de rara inteligência e sabedoria. [...]".

Gratifica-nos quase 30 anos depois rever tais lembranças. Elas nos conduzem a outros momentos fora do script oficial que complementam a história do nosso encontro, demonstrando a afetividade nordestina, presença marcante nos dois personagens. Por isso construímos o texto a seguir, que partilho neste momento com os leitores desta revista.

Rachel folheia o livro Geringonça do Nordeste - A fala proibida do povo, recebido do autor.

# PARENTES NO AFETO

Informado, ainda em casa, de que a escritora Rachel de Queiroz iria ao Gabinete do Reitor antes da abertura do V Seminário Nacional sobre Mulher & Literatura, realizado na UFRN em setembro de 1993, saí às pressas levando comigo o exemplar de um dos seus livros que Clara, minha filha mais nova, vinha se exercitando como aluna do Colegial. Queria fazer-lhe a surpresa de um autógrafo da autora.

O tempo foi curto para a conversa. Mas o suficiente para que alguns assuntos ligados à terra e à gente do Nordeste fossem tocados e eu a percebesse como uma pessoa definitivamente ligada às raízes e hábitos da vida sertaneja. Com toda a simplicidade, mesmo com a universalidade que sua produção literária já alcançara e continuava em ascendência. Pouco antes lhe havia sido outorgado o Prêmio Camões de Literatura, distinção que a revelava como a primeira mulher da língua portuguesa a recebê-lo.

Entre as indagações que me fez, perguntou sobre a origem do meu sobrenome Queiroz. Existia alguma relação com o ramo do Ceará? Respondi-lhe, sem adentrar em

pormenores genealógicos, que sabia vir o mesmo de uma parte do Rio Grande mais próxima da Paraíba. Dos sertões do Seridó. Mais especificamente, de uma localidade chamada Ferreiro, perto de Caicó.

Senti-me totalmente à vontade para pedir-lhe que autografasse O Quinze para Clara. Com certeza, aquele exemplar tão apressadamente levado para o nosso encontro tem hoje um valor afetivo muito maior. Em agradecimento, lhe ofereci um exemplar de Geringonça do Nordeste: a fala proibida do povo, livro que resultou da dissertação por mim defendida no Programa de Pós Graduação em Educação da UFRN no ano de 1988. Depois saímos para o Auditório da Reitoria, onde participamos da abertura do seminário e eu me despedi, em seguida, para cumprir outros compromissos.

A simplicidade demonstrada naquele momento está refletida nas palavras que acompanham o velho exemplar de O Quinze em nossa biblioteca: "À Clara, que deve ser prima, um beijo da Rachel de Queiroz – 2.9.93". Parentesco sem chancela oficial, mas com a marca do afeto.

Outros parentes, com certeza, habitam nossas estantes. Mas ao jeito de Rachel, sem carimbo ou certidão de cartório, somente o paraibano Ariano Suassuna. Parentesco construído também no afeto e registrado em uma dedicatória com data de 11 de março de 1994, quando o recebemos

**Rachel de Queiroz e o então Reitor da UFRN em setembro de 1993, antes da abertura do V Seminário Nacional Mulher @ Literatura.**

para proferir a Aula Inaugural da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no início do período letivo.

Posta na capa de um disco hoje raro do Quinteto Armorial (Aralume), entre ilustrações que representam o triunfo da virtude sobre o demônio, Ariano escreve: "para a prima Sônia e seu marido Geraldo Queiroz, agradecendo a acolhida". Assim o fez, bem lembra a memória, no encontro informal que mantivemos, à noite, na casa dos amigos e colegas de magistério Ana Maria e Paulo de Tarso Correia de Melo, que recepcionaram o casal Suassuna no mesmo dia daquela aula magistral, que empolgou estudantes, professores e toda a assistência.

Tomando conhecimento da origem de minha mulher, descendente por um lado dos Faria de Serra Negra do Norte e por outro de Joel Adonias Dantas, caicoense das Oiticicas que desenvolveu, ao longo da vida, atividades rurais nos municípios paraibanos de Pombal e Paulista, neles identificou amizade e um possível parentesco para fundamentar a sua dedicatória.

Hoje, na coleção de vinis antigos guardada com o maior carinho em nossas estantes, outro disco do Armorial (o primeiro do Quinteto) – Do romance ao galope nordestino, gravado pela Marcus Pereira Editora – completa o gesto "com o abraço afetuoso de Ariano Suassuna". E divide o espaço com outras raridades fonográficas, avalizadas por gente como Patativa do Assaré, Felinto Lúcio Dantas e Mindinha de Villa-Lobos.

Tais lembranças trazem de volta, além da amorosidade dos

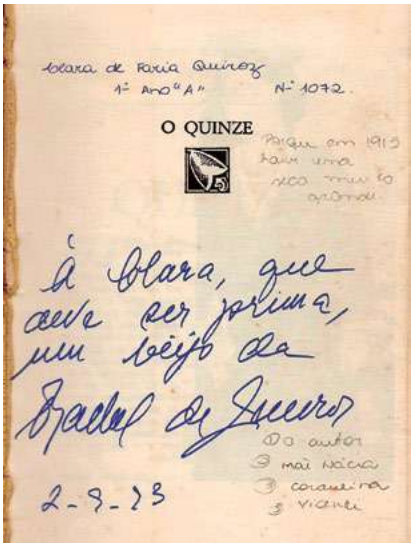
gestos, marcadamente humanos, experiências vivenciadas no âmbito da UFRN que a enriqueceram como instituição de ensino, pesquisa e extensão.

O seminário, do qual participou Rachel de Queiroz, realizado em 1993 reuniu no campus universitário mais de 400 pessoas de várias regiões do país e também do exterior e possibilitou um intercâmbio salutar entre estudiosos do tema Mulher e Literatura. Seu conteúdo, constante da publicação dos anais feita pela Editora da UFRN e organizada pela professora Constância Lima Duarte, comprova a dimensão e abrangência da programação.

A retomada das aulas inaugurais no início do mesmo ano permitiu que trouxéssemos Ariano no ano seguinte. A repercussão da iniciativa pode ser observada nos jornais da época. São exemplo as palavras de Veríssimo de Melo, então Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte, em comentário circunstanciado publicado na Tribuna do Norte de 13 de março de 1994, reproduzido posteriormente em outros periódicos nacionais, do qual transcrevo o final: "[...] em tudo por tudo, a aula de Ariano Suassuna foi momento de rara inteligência e sabedoria. O reitor Geraldo Queiroz acertou na mosca, quando o convidou para o evento feliz".

Lembranças que ampliam também o agradecimento transmitido na ocasião aos dois visitantes.

**Ariano com os professores Geraldo Queiroz, Carlos Newton de Souza Lima Júnior e Luiz Pereira de Brito.**




**Dedicatória afetuosa de Rachel de Queiroz registrada no livro O Quinze, de sua autoria.**

**Detalhe da dedicatória firmada pelo escritor.**

**Capa do disco ARALUME, o segundo do Quinteto Armorial (1976), com dedicatória registrada por Ariano Suassuna. Ele foi o idealizador do Movimento Armorial, criado em 1970 no âmbito do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco. Era integrante do grupo o músico potiguar Antônio José Madureira (nascido em Macau), que assina a contracapa.**

**Detalhe da capa do primeiro disco do Quinteto Armorial – Do romance ao galope nordestino (1975), também com dedicatória firmada pelo escritor. A contracapa é de sua autoria e apresenta um histórico do Movimento Armorial, com suas raízes, seus integrantes e manifestações artísticas que engloba.**

Foto: Jefferson Rodrigues

ANA ROCHA & APPOLINARIO

# JOIA RARA

A MARCA ANA ROCHA & APPOLINARIO CHEGA AOS 20 ANOS SOMANDO SUCESSO EM JOIAS EXCLUSIVAS PRODUZIDAS DE FORMA ARTESANAL. E OS CENÁRIOS GANHAM ARES PARISIENSES E LISBOETAS, COM ENSAIOS FOTOGRÁFICOS E APRESENTAÇÕES EM OCASIÕES PARA AMIGAS

**Por Eliana Lima – De Lisboa**

Tudo começou no já distante ano de 2001, quando as amigas Anna Cláudia Rocha e Ana Paula Appolinario uniram a paixão pelas gemas naturais e, do alto do bom gosto da dupla, montaram um atelier sofisticado para produzir joias exclusivas. De forma artesanal, as designers brasileiras graduadas em Gemologia misturam cores em beleza e originalidade, com peças em combinações inusitadas. Primam pela missão de formatar joias eternas, que carreguem histórias, para serem passadas de geração em geração. E assim nasceu a marca Ana Rocha & Appolinario.

A cada ano, Anna Cláudia e Ana Appolinario elegem um tema como inspiração para desenvolver novas coleções, onde as formas, pedras e cores mudam, mas o DNA da marca – de forte personalidade e beleza moderna – permanece. Combinação que não demorou para conquistar o Brasil. De norte a sul do país as joias da marca são desejo de consumo e realização entre chiques e famosas. E entre elegantes que preferem ficar anônimas dos flashes e holofotes. Usar uma peça da dupla é sinal de bom gosto e de poder.

Foto: arquivo pessoal

# LUZ, CÂMERA, FLASH!

O Brasil ficou pequeno para a beleza das coleções das designers brasileiras. Assim, cidades como Paris, capital da França, e Lisboa, a capital portuguesa, foram cenários para produções de fotos que dão vida e ainda mais beleza às peças, clicadas em famosas modelos e influenciadoras digitais, como a atriz e modelo brasileira Laura Neiva, Júlia Tibério e Leoni Hanne, a alemã que está dominando o mundo do glamour, estrelou campanhas de marcas como Louis Vuitton e Fendi, apareceu em editoriais de revistas de moda como Marie Claire e Vogue Germany.

E todo esse time de beleza compõe os shootings – conceito muito usado no exterior para campanhas publicitárias que, traduzindo ao pé da letra, forma um tiroteio de fotos – que Anna Cláudia e Ana Appolinario vêm realizando para a marca, como aconteceu em Paris. A Cidade Luz foi inspiração para a nova coleção, com peças que remetem ao formato da Torre Eiffel e de outros elementos arquitetônicos presentes nas ruas, museus e galerias da cidade, em brincos, pulseiras e anéis. "O toque final fica por conta de uma textura especial que desenvolvemos com inúmeras facetas para realçar a propagação da luz e seus reflexos, trazendo assim, um brilho único e especial às peças que estão presentes na nossa coleção Cidade Luz. Paixão pela nossa missão, trabalho, amigas por essa cidade tão inspiradora chamada Paris", derrama-se a dupla.

# EMBAIXADORAS

Os lançamentos das coleções Ana Rocha & Appolinario são organizados por amigas das designers. São embaixadoras da marca em diversas cidades, do Brasil e da Europa, que convidam para a apresentação das novas joias, em ocasiões recheadas de beleza e espocares de champanhe, em residências ou locais históricos, como o Palácio dos Cedros, em São Paulo, uma das mansões da família Jafet, localizada no bairro do Ipiranga, construída no ano de 1922.

Depois de passar também por ocasião de elegância em Salvador, Bahia, chegou a Lisboa. A apresentação aconteceu na cobertura do icônico prédio onde funcionou por décadas o Diário de Notícias, a primeira edificação moderna na bela Avenida da Liberdade, com traços do arquiteto premiado Porfírio Pardal Monteiro, inaugurado em 1940.

A embaixadora da festa, que reuniu portugueses e brasileiros em outubro de 2021, foi Juliana Flor, uma apaixonada pelas terras lisboetas, cidade onde construiu boas amizades. A ocasião contou com a também embaixadora da marca Cláudia Gallindo.

Para dar ainda mais beleza e glamour ao momento, desembarcaram de Salvador a designer de interiores Teca Martins e a arquiteta e urbanista Isabela Dantas, mãe e filha que comandam o escritório soteropolitano IT Arquitetura e Design.

As fotos perfeitas ficaram por conta do fotógrafo Alex Costa, um potiguar cheio de talento que conquistou Portugal e hoje assina produções de poderosos e famosos.

E as maravilhosas peças Ana Rocha & Appolinario conquistaram as mais exigentes portuguesas. Com certeza! Tanto que ganha repeteco de holofotes, dessa vez no primeiro dia de abril deste 2022, tendo como embaixadora a badalada designer portuguesa Ana Teixeira de Sousa, criadora da famosa marca de luxo Sophia Kah, como ela também é conhecida. Internacionalmente, diga-se. Já vestiu a cantora Beyoncé e seus vestidos podem ser encontrados, inclusive, na Harrods, loja de departamento mais famosa de Londres.

# Primeira vez em Lisboa

**Fotos: Paulo Lima/Brasília**

Na ocasião do ano passado, regada a Perrier Jouet, o champanhe preferido dos lisboetas, a apresentação das joias Ana Rocha & Appolinario reuniu chíquimas e famosas, como a atriz e humorista Heloisa Périssé, na bela cobertura do icônico prédio que foi sede do tradicional jornal português Diário de Notícias, na badalada Avenida da Liberdade, de frente para o monumento do Marquês de Pombal – ministro do rei D. José I -, que reconstruiu Lisboa após o terremoro de 1755, que destruiu a capital portuguesa. À Av. da Liberdade, reconstruída entre 1879 e 1882, deu semelhanças à parisiense Champs-Élysées.

Na próxima edição contaremos como foi a badalação do segundo evento glamoroso em terras lisboetas

A anfitriã Anna Rocha e as embaixadoras Cláudia Gallindo e Ju Flor

Maria Dejon, Isabela Dantas, Teca Martins e Fabiana BazBuz

Anna Rocha recebe Luciana Meira Lins

Priscila e Angela Theodoro , Louva Fleck e Mara Guimarães

Isabela Dantas, Danielle Monte, Bruna Barreto, Ju, Teca Martins, Silvana Prado, Zélia de Paula, Leila Mota Amaral

Daniela Gil e Ju Flor

Paula Calvino, Ju, Helena Degasperi, Ana Cláudia Santos

Ju com Helena Pinho, Rita Morais Pequeno, Sara Costa

Cláudia Gallindo e as responsáveis pela ambientação: Isabela Dantas e Teca Martins, que foram de Salvador (BA) especialmente para assinar a ocasião

Elen Capri, Ju Flor, Anna Rocha e Sophia Kah

Reunião de belas e perfumadas

Com a atriz e humorista Heloisa Périssé

Vanda Boavida

Eliana Lima e o fotógrafo da ocasião: Alex Costa

A bela anfitriã e suas criações. Ao fundo, o icônico monumento do Marquês de Pombal

Isabela Dantas finaliza a decoração da exposição das joias

Delícias assinadas pela chef-top Ann-Kristin

Detalhe para o champanhe da ocasião estrelada

Francisco Palha

Cláudia Gallindo

Com Brunay Correia e Ana Barreto

Gabriela Bettencourt Botelho

Eliana Lima e os anfitriões Anna e Flávio Rocha

Ju, Nídia Saba, Ysnara Almeida

Débora Montenegro

# Mercado? Vírgula!

Por Eliana Lima – De Brasília
Fotos: Maurício Oliveira

UM NOVO POLO GASTRONÔMICO, QUE TAMBÉM REÚNE ENTRETENIMENTO E SUSTENTABILIDADE, ESTÁ SACUDINDO BRASÍLIA, A CAPITAL BRASILEIRA, NA MELHOR ACEPÇÃO PARA AQUELA FRASE QUE REMETE AO SUCESSO: FAZENDO E ACONTECENDO. ESSE LUGAR É O MERCADO MANÉ. OU, COMO DIZ O GRANDE LETREIRO: O MERCADO VÍRGULA!

Então, o que é Mané? Na descrição do vídeo de apresentação do espaço no YouTube, a forma geral: "Que Mané evento; que Mané feira, que Mané restaurante, que Mané mercado; a gente é tudo isso junto: um mercado com a experiência de um evento, perene e plural".

Baita de um empreendimento visionário que surgiu do leque de ideia dos sócios da R2 Produções, empresa que faz acontecer o Planalto Central: Rafael Damas, Rick Emediato, Bruno Sartório e Eduardo Alves. Eduardo, inclusive, tem DNA potiguar: é filho do ex-deputado federal e ex-ministro Henrique Eduardo Alves.

São nada menos que 4 mil m$^2$ e 800 lugares, com bares, restaurantes, lanchonetes, sanduicheria, sorveteria, doceria etc. E mais. No Eixo Munumental, entre o estádio Mané Garrincha e o Ginásio Nilson Nelson. Tudo sobre a curadoria gastronômica da estrelada chef Renata Carvalho.

E eles garantem: "Brasília inaugura o mercado gastronômico mais sustentável do país." Pois é, a proposta é de uma "estratégia de sustentabilidade ampla e diversa" para ser o "primeiro mercado gastronômico regenerativo do Brasil". Das iniciativas, o empreendimento conta com "autossuficiência energética, neutralidade de carbono, alta eficiência hídrica, restauração de Cerrado, acessibilidade completa, inclusão social e outros pilares".

Foram investidos cerca de R$ 10 milhões, da soma de aportes do grupo e das marcas parceiras envolvidas, gerando pelo menos 350 empregos diretos, dizem os diretores. O "Mané aproveita a estrutura do anexo do Ginásio Nilson Nelson, construído para dar suporte aos Jogos Panamericanos de 2007 e que estava sem uso e sucateado", explica Rick Emediato.

Formato

# FORMATO

Atendimento híbrido? Sim. Você senta em qualquer local disponível, vê o cardápio pelo QR Code, é atendido por um dos muitos garçons espalhados pelo espaço para fazer o pedido de qualquer um dos produtos dos estabelecimentos. Ou pode pedir direto ao espaço que preferir. Alguns oferecem mesas e cadeiras próprias. São mais de 20 cardápios que podem ser alterados todos os dias e o pagamento somente por cartão.

Também tem a opção de mesas compartilhadas. Com meu grupo de amigos, quando estive no Mané, dividimos uma bancada da Charcutaria Tudo do Porco, do chef Pedro Nunes, que também tem uma ótima adega. Adoramos. Fizemos novas amizades e foram muitos brindes de alegria. Gente, a bruschetta de pata negra é algo sensacional. Tudo lá, aliás, é muito bom.

Voltando ao assunto Mané, o espaço foi inspirado em feiras e mercados de cidades turísticas como Lisboa (Portugal), Lima (Peru), Barcelona (Espanha) e Nova York (EUA). Tem até brinquedoteca por lá. Em breve abrirá uma cozinha escola sob o comando de Sebastian Parasole, criador da Iniciativa Bandoneón e coordenador do curso de gastronomia do Iesb.

E tem uma linda horta, genteeee! E outro espaço que não vejo a hora de conhecer abrirá também em breve: é o FÁ, uma união dos badalados restaurantes A Mano e Fuego, em sociedade com os meninos da R2, além do advogado conhecido por demais: Kakay de Almeida. Também um advogado potiguar: Raphael Correia, que nos mostrou todos os detalhes, inclusive a maravilhosamente equipada cozinha e as câmaras de congelamento e resfriamento.

# DETALHE IMPORTANTE

A administração tem como meta doar pelo menos 60 mil refeições complementadas anualmente, num compromisso tripartite: Mané, iFood e os clientes. Com a parceria do Sesc Mesa Brasil-DF.

Toda primeira segunda-feira do mês, refeições elaboradas por chefs com ingredientes do banco de alimentos serão distribuídas à comunidade de rua pelo Instituto No Setor. Tem

muita coisa legal de compromisso com a coletividade que essa turma da R2 programou. Amei tudo.

Se liga no endereço e nos horários de funcionamento: Eixo Munumental, entre o estádio Mané Garrincha e o Ginásio Nilson Nelson Funciona de segunda a quarta, das 12h às 22h; quinta a sábado, das 12h às 2h; domingo, das 12h à meia-noite.

No lounge do iFood com os advogados Fernando Caldas, Kakay, Raphael Correia, Clênio Fonseca

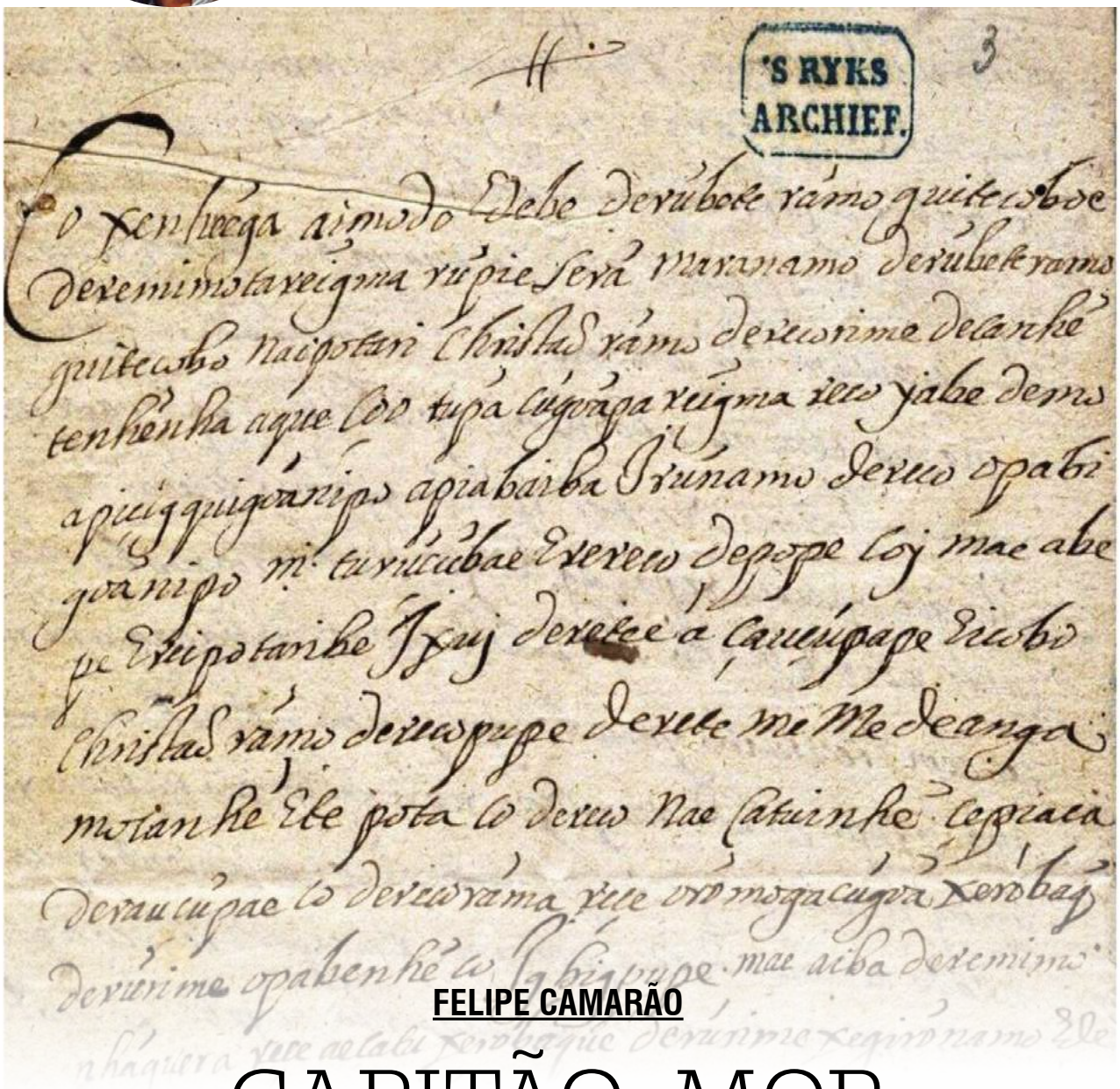
# A Carteira de Estudante 2022 Tá ON

PEÇA A SUA PELO **APP MEU NATALCARD** E RECEBA NO:

(84) 99179-7541

natalcard natalcard.com.br

**Maurício Pandolphi**
Jornalista



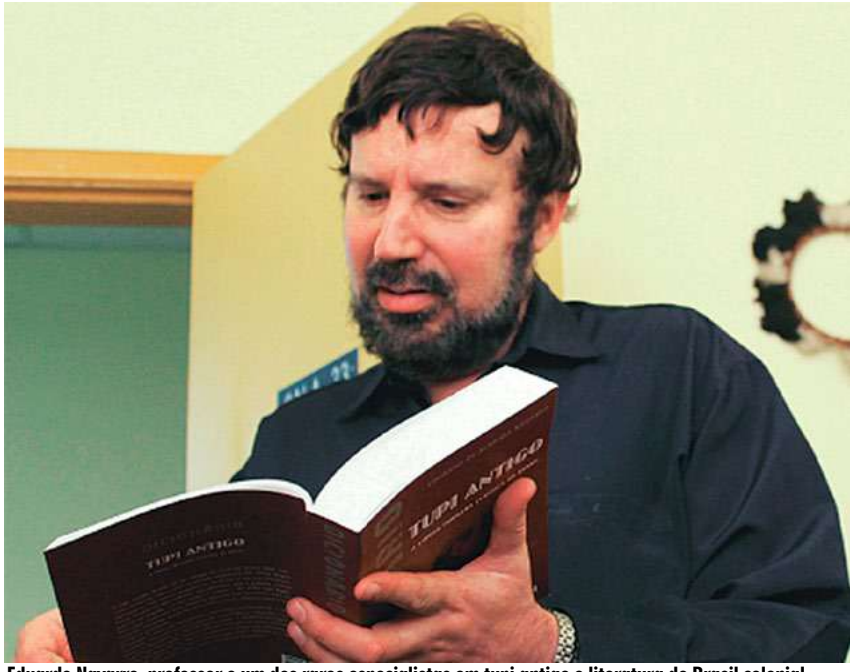

FELIPE CAMARÃO

# CAPITÃO-MOR **DOS ÍNDIOS**

TRADUÇÃO DE CARTAS ESCRITAS EM TUPI ANTIGO RESGATA A FIGURA DE FELIPE CAMARÃO

A recente divulgação da tradução de diversas cartas, escritas em tupi antigo, por indígenas que lutaram entre si, ao lado de portugueses e holandeses, trouxe novidades nos meios acadêmicos que se dedicam ao estudo e pesquisas relativas ao início da colonização europeia em terras brasileiras, nos séculos 16 e 17.

O professor Eduardo Navarro, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, um dos raros especialistas em tupi antigo e literatura do Brasil colonial, traduziu recentemente seis cartas trocadas entre indígenas da etnia potiguara em 1645, e quer são os únicos textos conhecidos em que os próprios indígenas escreveram em sua língua nativa.



Eduardo Navarro, professor e um dos raros especialistas em tupi antigo e literatura do Brasil colonial

Essas cartas, descobertas em 1880, estão guardadas nos arquivos da Real Biblioteca de Haia, na Holanda, e detalham uma guerra religiosa e comercial, travada entre portugueses e holandeses, conhecida como Insurreição Pernambucana (1645-1654). Nessa luta teve destaque a participação de indígenas católicos e protestantes, que lutaram uns com os outros, pegando em armas nos dois lados da disputa.

Segundo o professor Navarro, essas cartas pertenciam ao arquivo da Companhia das Índias Ocidentais, uma empresa de comércio com capitais privados e também capitais do estado holandês, que organizou uma invasão frustrada do Nordeste brasileiro em 1625. A companhia teria retornado à Holanda naquele ano, levando alguns líderes indígenas a bordo, entre eles Pedro Poti e Antônio Paraopeba.

Na Holanda, os caciques foram convertidos ao protestantismo calvinista. Cinco anos depois a Companhia das Índias invadiu novamente a costa nordestina, dessa vez com êxito, principalmente, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, onde os holandeses permaneceram entre 1630 e 1654.

As cartas jamais haviam sido traduzidas, apesar das tentativas de diversos estudiosos ao longo dos anos. Somente agora isso ocorreu, graças ao trabalho de Eduardo Navarro. Mas antes ele teve que se debruçar sobre os mistérios do tupi falado nas primeiras décadas do período colonial e que tem características diversas do tupi falado atualmente nas poucas comunidades indígenas que preservaram sua língua nativa. Navarro, inclusive, publicou antes um dicionário de tupi antigo.

A BZZZ traz nesta edição uma entrevista exclusiva com Eduardo Navarro, onde o historiador e pesquisador traz novidades sobre aquele período histórico, fala sobre a língua tupi, que foi dominante em todo o país até meados do século 18, de sua influência na formação do português falado hoje no Brasil, e também acrescenta novas facetas ao que já se sabia sobre Felipe Camarão, indígena que deixou seu nome na história, ao lutar ao lado dos portugueses e cujo berço natal é disputado até hoje por Rio Grande do Norte e Pernambuco.

# QUEM FOI FELIPE CAMARÃO?

***Um líder indígena que lutou ao lado dos portugueses***

Felipe Camarão é nome de ruas em diversas cidades do Rio Grande do Norte e Pernambuco, e um bairro em Natal. Tem seu nome gravado na fachada do prédio da Prefeitura de Natal, nomeia projetos culturais e é inegavelmente um personagem histórico importante, que teve papel relevante no período em que portugueses e holandeses disputavam o controle de grande parte da região do nordeste brasileiro, na primeira metade do século 17.

Camarão teve comprovada participação na luta ao lado dos portugueses, que resultou na expulsão dos holandeses, foi um líder militar que se ombreou aos comandantes portugueses, chegou a receber da coroa portuguesa os títulos de Dom, Capitão-mor e Governador de Todos os Índios do Brasil e é reconhecido como um personagem singular, que ocupa papel de destaque entre aqueles que contribuíram para a definição cultural e política do Brasil naquele período.

Foi ele um indígena aculturado, da etnia potiguara, convertido ao catolicismo e que ostentava uma formação cultural surpreendente para alguém com suas origens - inclusive superior à média dos portugueses que arribavam à então colônia - capaz, entre outras coisas, de se expressar e escrever em português, latim e, como se descobriu posteriormente, até em tupi antigo. Felipe foi educado pelos jesuítas, religiosos da Companhia de Jesus, que ao chegarem aqui trataram de converter os indígenas, mas com o cuidado de preservar algumas de suas características culturais, entre elas sua língua.

É preciso lembrar que grande parte desse feito – a valorização da língua nativa falada ao longo de todo o litoral da terra recém descoberta - se deveu ao jesuíta José de Anchieta (1534-1597), primeiro europeu a estudar o tupi e que foi o autor da obra "Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil", publicada em Coimbra, Portugal, dois anos antes da morte do religioso e pioneiro em terras brasileiras.

# AFINAL, ONDE NASCEU CAMARÃO?

***Natal e Igarassú (PE) disputam o berço do herói***

No início do século 20 começou uma disputa entre historiadores de Pernambuco e Rio Grande do Norte pelo local de nascimento de Antonio Felipe Camarão. Segundo artigo publicado há alguns anos por OLAVO DE MEDEIROS FILHO, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, em 1904 o pernambucano PEREIRA DA COSTA defendeu a tese de que existiram **DOIS** indígenas conhecidos como Camarão: um, mais velho, chamado POTYGUAÇÚ, ou Grande Camarão (? -1625), nascido numa aldeia localizada na região do atual bairro de Igapó, em Natal, ex-canibal, pacificado pelos jesuítas lusitanos e que firmou as pazes entre índios e portugueses em 1599; e o outro, seu sobrinho, que recebeu em 1612, pelo batismo, o nome de Antonio Felipe Camarão, que teria vivido entre 1601 e 1648, pernambucano nascido na aldeia de Miritiba, próxima ao atual município de Igarassu. Teria sido esse segundo Camarão quem efetivamente se tornou o herói da Insurreição Pernambucana, lutou ao lado dos portugueses contra os holandeses e escreveu algumas das cartas agora traduzidas.

Logo depois o historiador norte-rio-grandense LUIS MANUEL FERNANDES SOBRINHO sustentou a tese segundo a qual Potyguaçú e Antonio Felipe Camarão seriam a mesma pessoa, que teria vivido entre 1591 e 1648.

A disputa pelo privilégio do nascimento do herói continuou ao longo de todo o século 20 e permanece até hoje, com as participações ao longo do tempo, entre outros, do padre MANUEL GONÇALVES SOARES DE AMORIM, de NESTOR LIMA e LUIS DA CÂMARA CASCUDO pelo lado do Rio Grande do Norte, e JOSÉ GONSALVES DE MELLO e MÁRIO MELO pelos pernambucanos.

É necessário relembrar que na época o Rio Grande do Norte fazia parte da chamada província de Itamaracá ou Pernambuco, que incluía também os atuais estados da Paraíba e Pernambuco. Em consequência, o próprio Antonio Felipe Camarão se declarava pernambucano, fato que contribui para incrementar ainda mais essa disputa.

# CLARA CAMARÃO, A MULHER QUE LUTOU AO LADO DO MARIDO

***Ela pegou em armas e também enfrentou os holandeses***

Assim como muitos heróis, Felipe Camarão também teve ao seu lado uma grande mulher, que deixou seu nome na história: Clara Camarão, uma indígena também da etnia potiguara, foi líder e lutou ao lado de um grupo de mulheres – inclusive portuguesas, esposas e filhas dos colonizadores - contra os invasores holandeses. Embora não tenha sido citada nas cartas agora traduzidas, sabe-se que ela desempenhou papel importante naquele período conturbado.

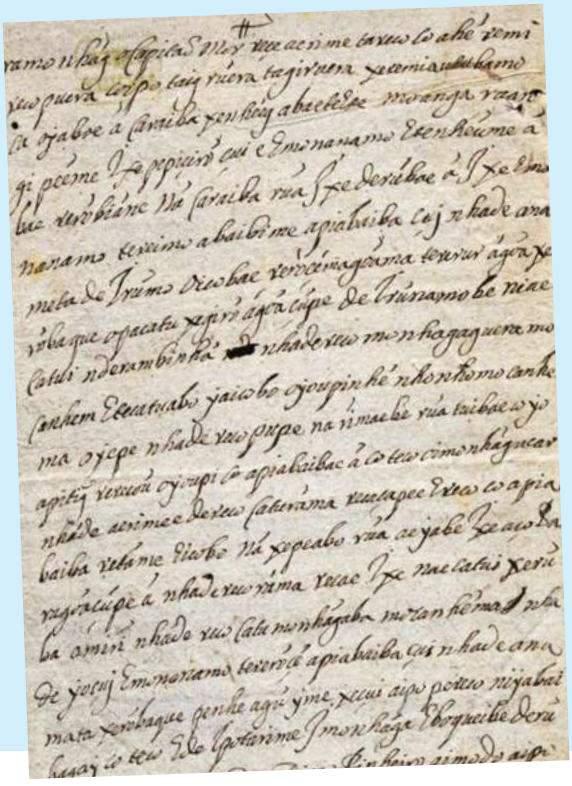
Tal qual o marido, ela teria sido educada pelos jesuítas e se destacado por sua atuação, rara entre as mulheres na época, ao ponto de ter seu nome incluído no "Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria", que homenageia diversos personagens que se destacaram na construção do nosso país e está impresso em chapas de aço no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

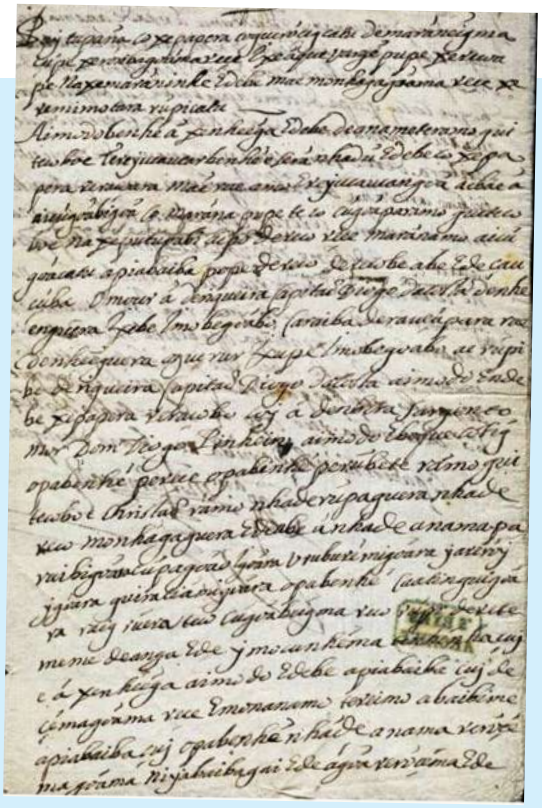
Entretanto ainda persistem nos meios acadêmicos muitas dúvidas sobre quem efetivamente ela foi, porque faltam documentos originais da época em que viveu que comprovem suas ações. Para muitos pesquisadores essa lacuna deve-se à notória invisibilidade feminina ao longo da história e ao costume europeu, vigente de certa forma até a atualidade, de relegar a um segundo plano nos relatos oficiais as culturas submetidas e os personagens conquistados no processo de colonização.

De toda forma, todos os anos um grupo de mulheres encena uma das batalhas onde Clara Camarão teria se destacado, no povoado de Tejucupapo, no município de Goiana, Pernambuco. O espetáculo popular reverencia, além de Clara, a própria luta feminina contra os invasores e busca combater o preconceito com relação ao papel das mulheres na história.

# TRECHO DA CARTA DE FELIPE CAMARÃO PARA PEDRO POTI, ESCRITA EM 19 DE AGOSTO DE 1645:

"Por que faço guerra com gente de nosso sangue, se vocês são os verdadeiros habitantes desta terra? Será que falta compaixão para com nossa gente? Ora, já duas vezes em luta? Os maus índios potiguaras que lutavam conosco morreram todos em Serinhaém. Todos os que ajudavam os homens maus morreram na batalha ontem, lamentavelmente. Os que lutaram com os holandeses para sua própria desonra, todos eles morreram por nossas mãos."





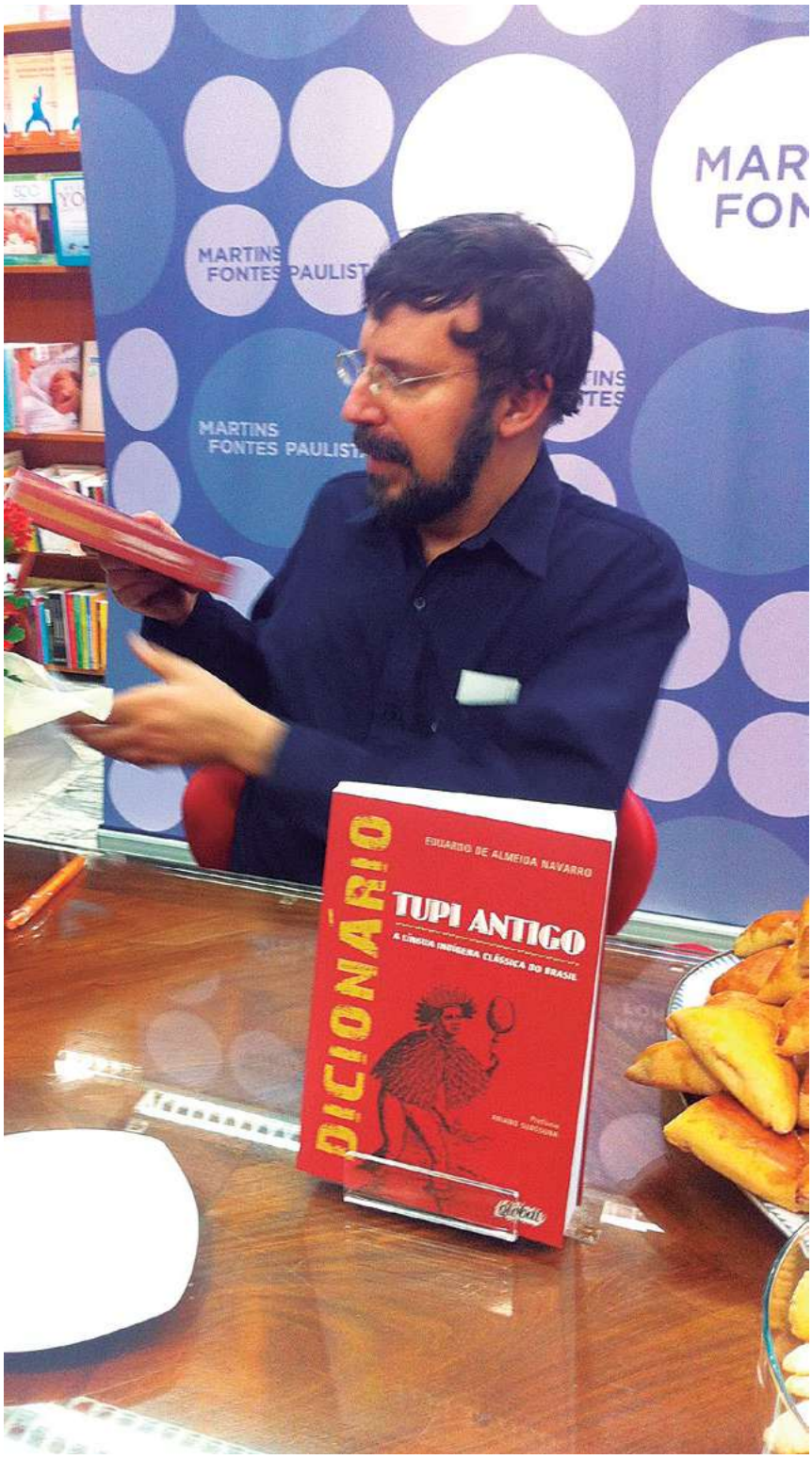
# TRADUÇÃO JUSTALINEAR DE OUTRO TRECHO DA MESMA CARTA:

"*Marãnamo,* || Por quê, *kó yby poreté-ramo* || desta terra como habitantes verdadeiros *pe rekó-reme,* || se vocês estão, *amarãmonhangype* || faço guerra *oré gûasembaba ri?* || com nossos chegados? *Na saûsubarypyramo ruã* || Não como aqueles de quem se compadece *sekóû?* || estão eles? *Ma'ẽ-te-pe é mokõî ygûã* || Ora, duas vezes já *maramonhangá-pe?* || em luta? *Oré resé omaramonhãba'e,* || Conosco os que lutavam, *apŷabaíba pitikoara,* || os maus índios potiguaras, *kanhẽ-mbabi Serinha'ẽme.* || pereceram todos em Serinhaém. *Apŷabaíba pytybõsara* || Dos homens maus os ajudantes, *opakatu i kanhemi* || todos eles pereceram.

# BATE-PAPO COM EDUARDO NAVARRO

O professor Eduardo de Almeida Navarro concedeu essa entrevista exclusiva à BZZZ. Nela ele fala do seu trabalho de tradução das cartas escritas na língua tupi por Felipe Camarão e outros indígenas da etnia potiguara, em 1645, agora traduzidas, além de trazer novas informações sobre Felipe Camarão e dados importantes sobre o papel que o tupi representou na própria formação linguística e cultural do Brasil.

Navarro é professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP) e o mais importante estudioso da atualidade a se dedicar ao trabalho de recuperação, preservação e ensino da língua tupí no Brasil.




**BZZZ** - Essas cartas foram descobertas em 1885 pelo historiador José Hygino Duarte Pereira, mas ninguém havia conseguido traduzi-las antes. Qual a dificuldade encontrada pelos pesquisadores anteriores?

**NAVARRO** - As dificuldades maiores eram duas: a ortografia que se acha nas cartas, com palavras cortadas e, às vezes, escritas juntas, sem espaço entre si e, também, o desconhecimento que havia do vocabulário que nelas aparece, cuja tradução só foi possível após a publicação de um dicionário que contivesse tudo o que já se escreveu em tupi antigo, o que só aconteceu em 2013, quando a Editora Global publicou meu *Dicionário de Tupi Antigo - A Língua indígena clássica do Brasil*.

**BZZZ** - Quando o senhor iniciou a elaboração desse dicionário de tupi antigo e quais foram suas bases de pesquisa?

**NAVARRO -** Eu iniciei meu dicionário em 2002. Para elaborá-lo, vali-me dos textos de origem portuguesa, francesa, alemã e holandesa que nos chegaram dos séculos XVI e XVII: as gramáticas de José de Anchieta (1595) e Luís Figueira (1621), o *Vocabulário na Língua Brasílica* (manuscrito anônimo de 1621), o *Catecismo* de Antônio de Araújo (1618), o que escreveram Jean de Léry, Claude D›Abbéville, Hans Staden, George Marcgrave etc. Foi um trabalho longo e árduo.

**BZZZ** - Existem muitas diferenças entre o tupi falado até hoje em algumas comunidades indígenas e o tupi antigo? E o que distingue o tupi atual do antigo?

**NAVARRO** - Tupi Antigo e Guarani Antigo são línguas irmãs, como o português e o castelhano. Não são a mesma língua. Existe, sim, a *família Tupi-Guarani*, incluindo o tupi antigo, o guarani antigo, o guarani moderno, o tupi moderno (que é chamado de *nheengatu* e é falado no Vale do Rio Negro, na Amazônia), o Kamayurá (falado no Xingu), o Urubu-Kaapor (falado no Maranhão) etc. Tupi-Guarani, assim, é uma família que inclui mais de vinte línguas, algumas já mortas, como o Tupi e o Guarani antigos, outras ainda vivas.

**BZZZ** - Qual a diferença entre o tupi antigo e a chamada língua geral que parece ser falada até hoje em algumas comunidades indígenas, principalmente na Amazônia?

**NAVARRO** - Sim, muitas. A língua geral da Amazônia provém do Tupi Antigo que era falado no Maranhão no século XVII. Alguns chamam essa língua geral de Tupi moderno, mas o nome mais comum dela é *Nheengatu*.

**BZZZ** - Qual é a população estimada de indígenas que ainda fala o tupi e suas variações regionais?

**NAVARRO** - O Nheengatu (Tupi moderno) é falado por cerca de 6.000 pessoas. O kamayurá é falado por umas trezentas pessoas. O Urubu-Kaapor, o Kayabi, o Parintintin etc. por poucas centenas de pessoas.

**BZZZ** - Muitos historiadores afirmam que o tupi antigo era mais falado do que o português no início da colonização do Brasil. Isso é verdade?

**NAVARRO** - Sim, principalmente no século XVI. A gramática de Anchieta teve por título "*Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*". Na capitania de São Vicente, onde estava São Paulo, essa situação perdurou por muito mais tempo, até o século XVIII.

> "As cartas revelam ser ele um grande chefe indígena, que se apresentava como pai de todos os potiguaras e que queria salvar a todos de um massacre que os portugueses prometiam fazer se seus parentes fossem aprisionados no campo holandês. "

**BZZZ** - A história oficial parece caracterizar os indígenas da época como incultos e facilmente manipulados pelos europeus. Essas cartas indicam uma nova visão sobre o tema?

**NAVARRO** - Sim, sem dúvida. As cartas mostram a insatisfação que eles sentiam com a perda de suas tradições e de sua cultura e seu desejo de voltar a viver como seus avós.

**BZZZ** - O líder indígena Felipe Camarão ou Potyguaçú foi um dos heróis da Batalha dos Guarapes, durante a chamada Insurreição Pernambucana. Essas cartas revelam algo novo sobre essa figura histórica?

**NAVARRO** - As cartas revelam ser ele um grande chefe indígena, que se apresentava como pai de todos os potiguaras e que queria salvar a todos de um massacre que os portugueses prometiam fazer se seus parentes fossem aprisionados no campo holandês. As cartas mostram também ser ele um grande estrategista militar, além de um homem muito sensível e inteligente.

**BZZZ** - Pode-se afirmar que Felipe Camarão foi um bom exemplo do trabalho de conversão religiosa e cultural dos indígenas, realizado pela Companhia de Jesus?

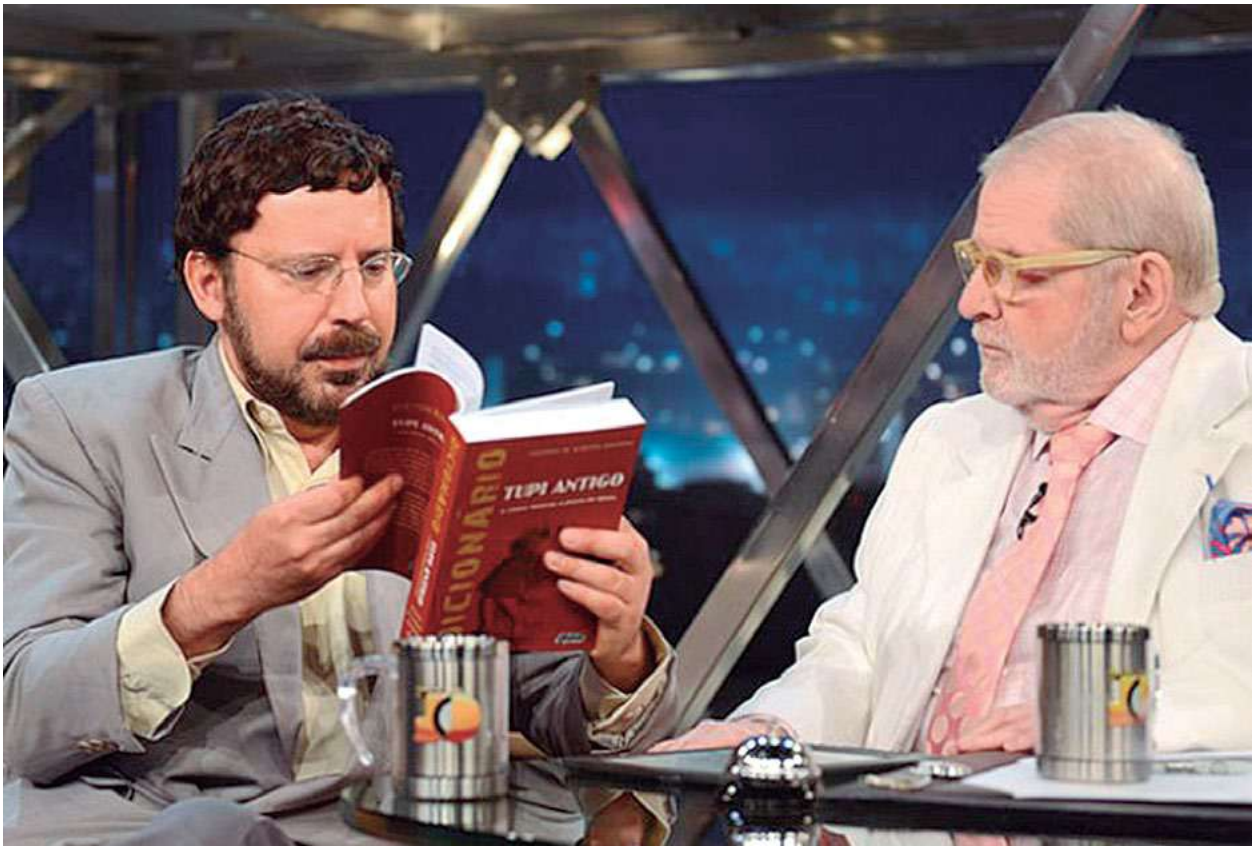
**NAVARRO** - Sim. Felipe Camarão teve uma boa instrução e chegou a receber até algumas noções de latim, o que somente era ensinado, naquela época, aos filhos dos colonos e não aos índios. Estes geralmente só aprendiam as primeiras letras. Felipe Camarão, por sua inteligência, teve uma formação mais aprofundada.

**BZZZ** - Ao que parece a europeização da cultura típica aqui praticada no período colonial só ocorreu de fato após a expulsão dos jesuítas no século 18. Como o senhor vê essa questão?

**NAVARRO** - Os jesuítas preocuparam-se com ter ascendência sobre os índios que evangelizavam, lutando para evitar sua escravização, mas colocando-os sob sua autoridade. Assim, eles não se preocuparam muito em fazer dos índios súditos do rei de Portugal, ensinando-lhes português. Mas, no século XVIII, com o Iluminismo, o mundo transformou-se profundamente e não era mais possível manter a situação antiga. Nesse momento é que começou a perseguição à Companhia de Jesus.

**BZZZ** - O que o levou a se empenhar nesse trabalho de redescoberta e preservação do tupí?

**NAVARRO** - Posso dizer que foi um profundo amor pelas coisas do Brasil, fruto de um nacionalismo que me foi incutido ainda na infância. Viajei



muito cedo pelo interior do Mato Grosso ainda quando as estradas eram de terra, tive um avô sertanista, que fundou um município naquele estado e outro no estado de São Paulo. Tudo isso influenciou minhas opções de estudo acadêmico.

**BZZZ** - O senhor atua de forma isolada hoje em dia ou há outros pesquisadores que também se dedicam ao estudo da língua tupí?

**NAVARRO** - Durante duas décadas eu realizei um trabalho muito isolado, mas, atualmente, estão surgindo novos pesquisadores que se dedicam a esse assunto, o que é muito bom e animador.

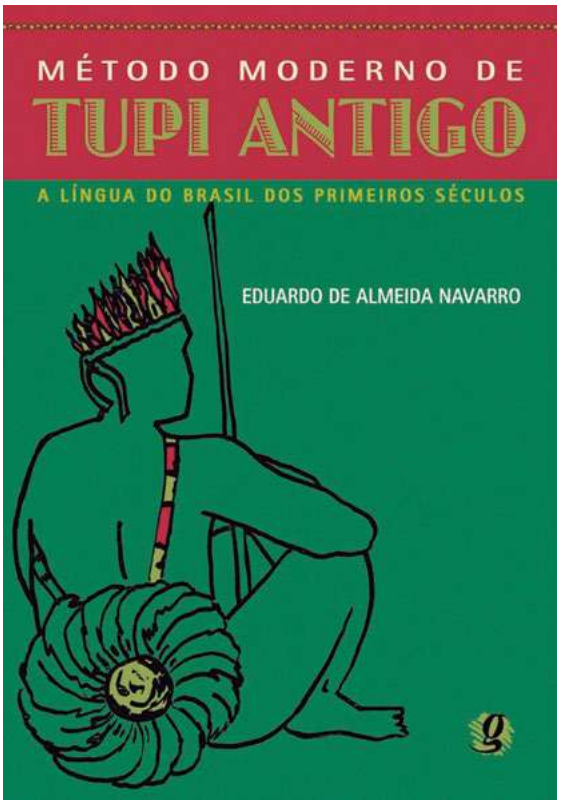
**BZZZ** - Qual a influência deixada pelo tupi no português falado no Brasil, além da toponímia?

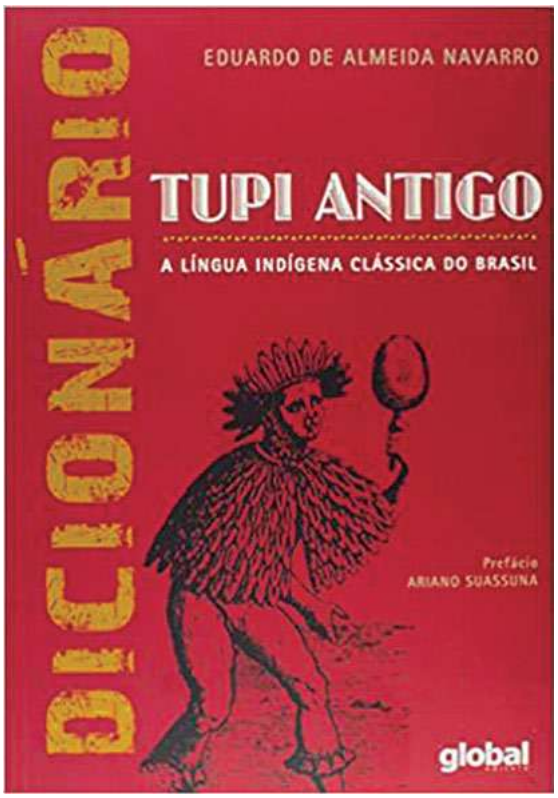
**NAVARRO** - Foi muito grande. É difícil dimensionar tal influência, pois nem os melhores dicionários de português incluem todos os vocábulos de origem tupi que a língua falada emprega e nunca se escreveu (e esse é meu projeto para o futuro) um dicionário alentado de topônimos com origem no tupi antigo e nas línguas gerais dele surgidas. Tais topônimos estão em todo o país: Pernambuco, Tocantins, Cuiabá, Pirituba, Potengi etc. etc. etc.

No campo semântico da flora, da fauna, da culinária etc. os nomes do tupi antigo e das línguas gerais são milhares: tatu, sabiá, canindé, quirera, paçoca, pamonha, carnaúba, massaranduba, cabreúva etc. etc etc.

**BZZZ** - Finalizando, qual é a natureza de seu trabalho junto à comunidade indígena a Baía da Traição, que fica na divisa entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte?

**NAVARRO** - Eu ensino Tupi antigo aos potiguaras da Paraíba desde 2001. Já existem lá ótimos conhecedores da língua, que a ensinam em escolas indígenas de suas reservas. Estou escrevendo, agora, um método de tupi antigo falado, onde serão incluídos neologismos criados para designar os fatos e objetos da vida contemporânea. Deverei ministrar curso a eles no início de 2022 e também a um grupo de potiguaras do Rio Grande do Norte que busca recuperar suas raízes culturais.



# EM BRASÍLIA

**Fotos: Bárbara Cabral / divulgação / Paulo Lima**

Apesar das restrições diante da pandemia, a sessão solene de posse do ministro potiguar Emmanoel Pereira na presidência do TST foi prestigiada por autoridades, amigos e familiares.

Ministro Emmanoel Pereira com a esposa Cristina e os filhos: Érick, Elisa e Emmanoel Campelo

Ministra Cristina Peduzzi, que repassou a presidência ao potiguar

Ministro Emmanoel Pereira com a jornalista Eliana Lima e o deputado federal Walter Alves

Ministra Dora Maria da Costa assumiu a vice-presidência

Ministro aposentado do STF, amigo dileto de Emmanoel Pereira: Nelson Jobim

Ministro Caputo Bastos é o novo corregedor-geral

Ministro Luís Phillipe Vieira de Mello fez a saudação do novo presidente

Governador do DF, Ibaneis Rocha, no centro, ladeado pelos ministros Balazeiro, Morgana Richa e Amaury Rodrigues, com a esposa Fernanda. Na ponta, Beto Simonetti, presidente do Conselho Federal da OAB

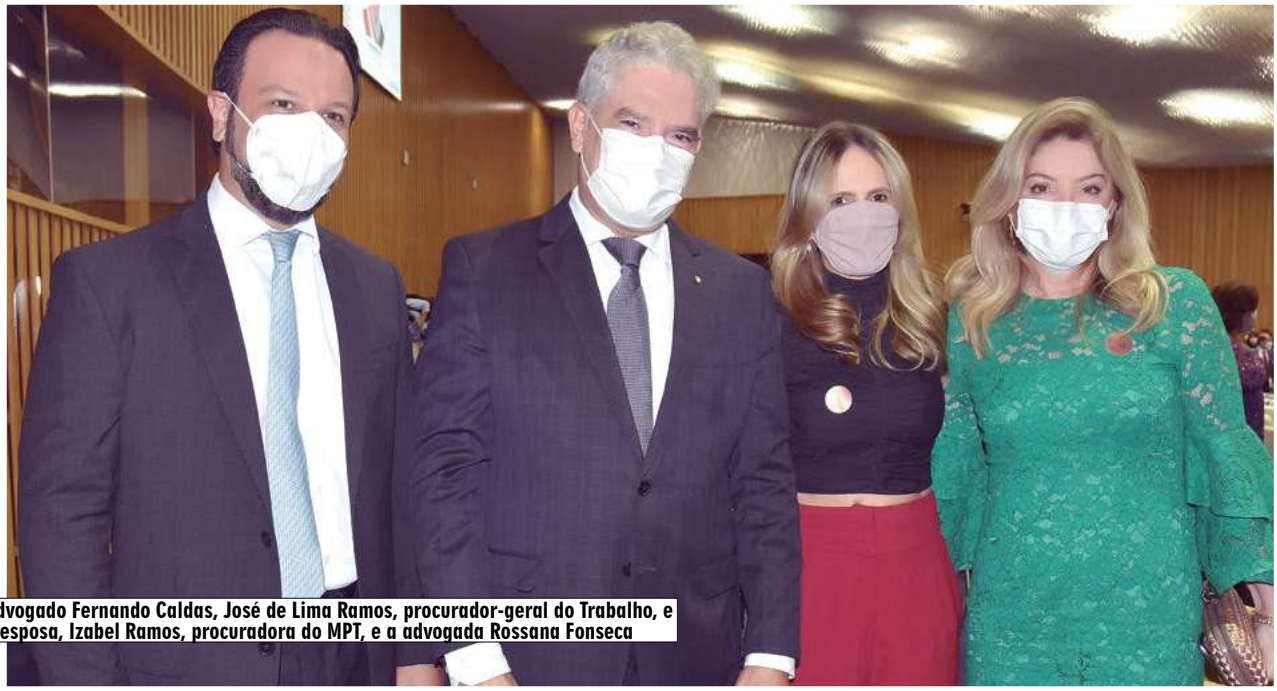
Os advogados Ramon Alves, Érick Pereira, filho do presidente; Adriana Macedo, José Lira Jr., Bárbara Paloma, Marcelo Torres

Érick Pereira e a filha Camila Pereira recebem o desembargador Expedito Ferreira e a juíza Keity Sabóya

Os juízes federais Walter Nunes e Carlos Wagner e os advogados Canindé Alves, Augusto Maranhão, Kátia Nunes, Andrea (essa foto é de Paulo Lima)

Antenor Roberto, vice-governador do RN; ministra Delaíde e o marido Aldo Arantes, Emmanoel Campelo Pereira, filho do presidente

Herdeiros de Érick Pereira: Luiz Henrique e Camila Cristina



Advogado Fernando Caldas, José de Lima Ramos, procurador-geral do Trabalho, e a esposa, Izabel Ramos, procuradora do MPT, e a advogada Rossana Fonseca

Ana Valda Galvão e Lincoln Werner

O prefeito de Natal, Álvaro Dias, e o secretário Adjuto Dias (Semtas)

Potiguares: jornalista Eliana Lima e os ministros Gurgel de Faria e Ribeiro Dantas (STJ)

Ministro Guilherme Caputo Bastos com a esposa Cláudia e os filhos, Zuza Falcão e Guilherme Filho

ART&C

# ONDE TEM CREA-RN, TEM CREDIBILIDADE.

E onde tem credibilidade tem desenvolvimento para o nosso estado, inovação e segurança para a nossa sociedade. É fiscalizando obras e serviços de engenharia, agronomia e geociências, além de outras atividades, que o CREA-RN orienta profissionais que estão por trás do crescimento do RN e fazem mais seguro o nosso dia a dia. Gente capacitada em tudo que faz e que sabe que pode contar com uma instituição séria e transparente, com todo o suporte que a nossa atividade precisa. Onde tem CREA-RN tem credibilidade. Tem trabalho que você pode crer e confiar.

crea-rn.org.br

CREA-RN
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Norte

Arquivo Pessoal

*DANIEL DA FROTA PIRES CENSONI*
*Advogado Especialista em Gestão Pública e Direito Administrativo*

# QUAL É O VERDADEIRO PROTAGONISMO DA **ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL?**

A Ordem dos Advogados do Brasil vem assumindo um protagonismo cada vez maior nas questões de grande relevância social.

A bem da verdade, o próprio Estatuto da Advocacia assim determina, quando aponta que a OAB tem por finalidade defender a Constituição, a ordem jurídica do Estado Democrático de Direito, os Direitos Humanos, a justiça social, e pugnar pela boa aplicação das leis, pela rápida administração da Justiça e pelo aperfeiçoamento da cultura e das instituições jurídicas.

Ao passo que esse papel social da Ordem vem se incrementando, também tem crescido no seio da classe o sentimento de que a OAB passou a tratar como menos importante, algo que enseja sua própria razão de existir: a representação e defesa dos advogados.

Há uma parcela significativa de profissionais que vêm manifestando o sentimento de que a OAB (nacional e seccionais), em especial nos últimos anos, deixou em segundo plano a atuação em prol da advocacia para se dedicar com afinco exacerbado aos seus demais fins.

Nesse sentido, debates acaloradíssimos podem ser vistos, por exemplo, nos comentários que advogados realizam, nas publicações oficiais da OAB Nacional ou de qualquer seccional nas redes sociais, em especial quando a temática não parece guardar grande intimidade com os objetivos da advocacia.

A impressão retratada é a de que a OAB, por vezes, parece ter assumido um papel político que, para ser executado, requer que a atenção aos seus próprios quadros seja brutalmente reduzida.

É óbvio que essa parcela insatisfeita não deseja que a OAB deixe de atuar nos assuntos de relevância social, até mesmo em virtude de sua responsabilidade estatutária, mas o que se pretende é que a defesa dos interesses dos profissionais volte a contar com esforços significativos e incessantes.

Cresceu durante às últimas eleições da OAB um movimento de rejeição às plataformas de candidatos às presidências das seccionais, que pautam suas pretensas gestões tão somente em questões diversas às da advocacia cotidiana.

Isso, pois advogados e advogadas de todo o país vêm, diuturnamente, sofrendo ataques de toda sorte: padecem com o aviltamento de honorários, ataques às prerrogativas, descrédito perante a sociedade e por vezes têm até a própria incolumidade física agredida, como inúmeros casos recentemente divulgados na imprensa especializada.

Por isso, é no suporte da vida profissional cotidiana que o advogado deseja sentir efetivamente a presença da uma OAB vigilante e proativa, que dê real e incessante atenção aos seus quadros.

Não se pode olvidar que a Advocacia vem angariando vitórias, como por exemplo a Lei 13.869/2019, que dispõe sobre os crimes de abuso de autoridade e, por conseguinte, faz valer de forma mais eficiente as prerrogativas dos advogados, contudo, é um desejo generalizado desses que a Ordem se faça cada vez mais presente na defesa dos interesses institucionais e profissionais, garantindo um efetivo e definitivo respeito à classe e suporte ao indivíduo.

Para muitos, o sentimento de união entre os advogados parece ter ficado num passado distante.

É tempo de resgatá-lo, fomentando, em todo o país, uma OAB mais forte, exigindo que que Presidentes, Conselheiros, Membros de Comissões etc. estejam verdadeiramente comprometidos com a classe e não apenas para com seus projetos de visibilidade ou vaidade pessoal.

Aos advogados - indispensáveis à administração da justiça, como bem define a Constituição Federal – urge a renovação do sentimento de conexão e o resgate do respeito à classe. Isso passa, obrigatoriamente, pela valorização não só das questões socais, mas também de cada profissional que, muitas vezes, ao se ver diante de um problema se sente sozinho e desassistido por uma OAB pouco presente e participativa na vida diária do advogado.

A OAB deve, sim, continuar assumindo posição de protagonismo nas questões de relevância social, inclusive aquelas mais sensíveis, mas deve se lembrar que o advogado – aquele mesmo que paga dantescas anuidades para que a própria Ordem possa existir – merece respeito, dedicação e retorno.

84 3272 7506
unigrafica.ind.br

Use o seu tempo
para aproveitar
o melhor da vida
**e viver bem.**

**Agilidade** em atender as necessidades dos nossos clientes é um dos nossos valores mais importantes , porque a **rapidez** aliada a qualidade que o mercado exige no fornecimento de produtos e serviços gráficos é a nossa motivação diária.
**E você cliente, ganha tempo para aproveitar a vida da melhor maneira**

UNIGRÁFICA
SOLUÇÕES EM UM ESTALAR DE DEDOS

# A Prefeitura está **CUIDANDO BEM** do Beco da Lama, o Patrimônio Cultural da capital potiguar.

**Com o cuidado da Prefeitura, o Beco da Lama está ficando mais seguro e agradável para o natalense. Em apenas 45 dias, a 2ª etapa da obra de requalificação do lugar foi concluída. E agora, o Patrimônio Cultural da capital potiguar já conta com o novo piso intertravado e iluminação de led instalada. Trabalhando firme, a Prefeitura segue cuidando bem do comércio, da cultura e da arte na nossa cidade.**

**2ª ETAPA DA OBRA CONCLUÍDA**

Instalação de iluminação de led

Novo piso intertravado

PREFEITURA DO NATAL